

INGRID CARRARO PEREIRA

**EQUIDADE E COOPERAÇÃO: COMUNICAÇÃO E EXPERIÊNCIAS  
POSSÍVEIS NA COMUNIDADE SÍTIO PALMITAL**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016

INGRID CARRARO PEREIRA

**EQUIDADE E COOPERAÇÃO: COMUNICAÇÃO E EXPERIÊNCIAS  
POSSÍVEIS NA COMUNIDADE SÍTIO PALMITAL**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Rennan Mafra

Co-orientadora: Julia Christo

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO

Monografia intitulada *Equidade e cooperação: comunicação e experiências possíveis na comunidade Sítio Palmital*, de autoria da estudante Ingrid Carraro Pereira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Rennan Mafra – Orientador

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

---

Profa. Mariana Ramalho Procópio

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

---

Profa. Ivonete Lopes

Departamento de Economia Rural (DER) da UFV

Viçosa, 16 de novembro de 2016

## SUMÁRIO

1	AGRADECIMENTOS.....	5
2	RESUMO.....	6
3	INTRODUÇÃO .....	7
3.1	Aspectos metodológicos.....	11
4	CAPÍTULO 1 – COMUNIDADES DO ENTORNO.....	16
4.1	Desenvolvimento sustentável e comunidades intencionais.....	20
4.2	O Sítio Palmital: comunidade do entorno, comunidade intencional, ecovila.....	22
4.3	“Não somos modelos de nada para ninguém”: identidade e partilha de sentidos.....	29
5	CAPÍTULO 2 - EQUIDADE E COOPERAÇÃO NO SÍTIO PALMITAL.....	37
5.1	Público e plural: o espaço no Sítio Palmital.....	41
5.2	Equidade como pluralidade: as relações no SítioPalmital.....	43
5.3	Equidade de pai pra filho: as questões geracionais.....	44
5.4	A prática da cooperação.....	53
5.5	“Não é um projeto comunitário qualquer, é um projeto de fazer diferente do que o sistema hegemônico faz”: a cooperação entre os moradores do Sítio Palmital.....	57
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O SÍTIO PALMITAL: “ESSAS COISAS TODAS NÃO SÃO FÁCEIS, MAS SÃO POSSÍVEIS POR MEIO DE UMA LUTA DIÁRIA” .....	60
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

## **AGRADECIMENTOS**

**Meu Pai, vos agradeço  
O que o senhor concede a mim  
Com palavras, vos agradeço  
Santíssima flor de jasmim**

**Mamãe divina Natureza  
Para sempre agradecer  
O alimento do espírito  
E na matéria, conhecer (...)**

Gratidão aos moradores do Sítio Palmital que me receberam sempre tão bem, como se fossem um abraço quentinho acompanhado de bolos do fruto da época (cenoura? banana?).

Em especial, um obrigada enorme à família da Júlia, que me acolheu dentro de casa em vários sábados, auxiliou no que pude na pesquisa e ainda compartilhou comigo momentos de diversão: desde as olimpíadas e almoços com macarrão com atum até brincadeiras de telefone sem fio.

Aliás, Julia, eu já disse que você é a melhor co-orientadora de todas hoje? Obrigada pela paciência, pela atenção e pelo maior ensinamento de todos: como fazer bolos!

Ao meu orientador Rennan o agradecimento é eterno, por ter sido um grande companheiro, sempre calmo (vai dar tempo!) e me colocando pra frente (mas que legal isso!). Que um dia eu possa ser tão inteligente quanto você.

A todos os professores, funcionários e alunos do Curso de Comunicação da UFV - sentirei saudades. Obrigada por terem compartilhado tanto: conhecimentos, experiências, emoções, alegrias e momentos especiais.

Acima de tudo, aos meus amigos de Viçosa, que me deram apoio e, apesar de terem tentaram de todo jeito me desvirtuar desse trabalho, contribuíram sempre que puderam.

Mamãe, com você fica o meu coração sempre. Valeu por segurar a onda, comemorar pequenas vitórias comigo (já tenho 10 páginas! 20! 50! Acabei!) e ainda ser a revisora oficial desse trabalho.

## **RESUMO**

Partindo de um olhar da comunicação, este trabalho propõe uma discussão sobre práticas cooperativas e construção da equidade no Sítio Palmital, uma comunidade localizada no entorno do município de Viçosa/MG, a partir de uma tentativa de compreensão das formas de vida experienciadas pelos moradores em seus cotidianos. Para isso, utiliza Sennett (2012) e Hannah Arendt (1983) como bases teóricas principais: aquele é usado para análise da cooperação, e esta para propor reflexões sobre a busca da equidade. A metodologia do trabalho foi composta pelos seguintes métodos: 1) ações de observação semi-participante; 2) entrevistas coletivas e individuais; e 3) grupo focal com parte dos moradores. Como principais resultados, torna-se perceptível que existe um esforço pela conquista constante da equidade entre os moradores, incluindo os de diferentes gerações: apesar de algumas divergências de interesses, todos são respeitados individualmente e possuem seus direitos em exercício na vida coletiva. A cooperação é vista por eles como algo necessário e natural, o que leva os moradores a trabalharem juntos para alcançar seus objetivos, ainda que existam contradições e dilemas relativos à participação dos mesmos no contexto mais amplo da vida comunitária empreendida.

## **PALAVRAS-CHAVES**

Cooperação; equidade; comunidade; comunicação.

## **ABSTRACT**

From a look of communication, this paper proposes a discussion on cooperative practices and building equity on the Farm Palmital, a community located in the vicinity of Viçosa / MG, from an attempt to understand the ways of life experienced by the residents in their daily lives. For this, uses Sennett (2012) and Hannah Arendt (1983) as the main theoretical basis: one is used for analysis of cooperation, and the other to propose this reflection on the search for equity. The methodology of work consisted of the following methods: 1) semi-participant observation actions; 2) collective and individual interviews; and 3) focus group with the residents. As main results, it becomes apparent that there is an effort by the constant achievement of equity among residents, including those of different generations: despite some divergences of interests, all are respected individually and have their rights exercise in collective life. Cooperation is seen by them as necessary and natural, which leads residents to work together to achieve their goals, although there are contradictions and dilemmas concerning the participation of the same in the broader context of community life taken.

## **KEYWORDS**

Cooperation; equity; community; communication.

## INTRODUÇÃO

Eu nunca me senti confortável com o estilo de vida que levamos na sociedade atual - ou com o estilo que somos estimulados a levar. Tanto consumismo, tanto trabalho exaustivo, pouco respeito ao meio ambiente e à nossa própria saúde mental e espiritual, preocupando-nos muito mais com o ter do que com o ser, e ainda enfrentando uma desigualdade social absurda. Na sétima série, durante as aulas da História de um dos meus professores favoritos, descobri que há alguns anos existiam outros tipos de sociedade e que pensadores já haviam escrito livros que descreviam outros sistemas, como o socialismo, o comunismo, o anarquismo, etc. De maneira geral, eu descobri que existiam possibilidades.

Foi daí que surgiu meu interesse em estudar maneiras diferentes de viver. Afinal, o que é a felicidade se não uma forma de compreensão da realidade? E o que pode trazer mais felicidade do que a maneira que vivemos? Comecei a procurar entendimentos diferentes dos divulgados pela mídia e dos considerados como consenso nas sociedades capitalistas tal como as conhecemos hoje. Viajei por diferentes sites, blogs e revistas, lendo relatos de pessoas que visitaram diversas comunidades que seguem ideologias diferentes, como a valorização e o contato com o meio ambiente, a cooperação entre os membros, a busca pela equidade, novas formas de organização política, o trabalho em cooperativas, a permacultura, etc. Pensei em me aventurar da Espanha ao Havai, de Goiás a Bahia, até o dia em que descobri uma comunidade aqui mesmo em Viçosa.

Sítio Palmital. Assim me foi apresentada, acompanhada do endereço de e-mail de uma das moradoras de lá. Eu não sabia bem se essa comunidade ia ter tantas coisas legais quanto as maiores que eu havia lido sobre, mas eu tinha a certeza de que seria bem mais interessante para mim estudar algo local, assim como seria mais justo com a população da cidade em que me formei.

A primeira coisa que eu fiz neste processo de pesquisa, antes mesmo de entrar em contato direto com o Sítio Palmital, foi ler diversos estudos próximos ao meu tema. Muitas dissertações, teses e artigos analisam comunidades, principalmente no exterior. Aqui no Brasil, a pesquisa desse fenômeno ainda é menor, mas ainda assim encontrei estudos como o de Aico Nogueira (2001), que analisou a Fraterunidade. A maioria das pesquisas, ainda, foca nas ecovilas, tipo específico de comunidade. A partir dessas

leituras, decidi que gostaria de direcionar meu estudo no sentido de dois elementos principais: a construção da equidade e a cooperação. Imediatamente comecei a procurar novas referências para compreender e discutir esses processos mais especificamente.

Decidi então as bases teóricas mais importantes do trabalho: Juntos, de Richard Sennett (2012) para discutir os processos cooperativos e Hannah Arendt (1983) para a discussão de espaço público, pluralidade e equidade. Selecionei também outros textos que permitissem a realização das análises secundárias, como o de Severiano José Junior (2006), que estudou as comunidades intencionais.

Feito isso, mandei um e-mail para a moradora do Sítio Palmital e combinamos de nos encontrar para conversar. Depois de cinco minutos de bate papo eu já estava completamente envolvida com a história do lugar, surpresa por desconhecer tanta coisa bacana que eles faziam por lá e muitíssimo empolgada pra conhecer pessoalmente a comunidade e saber mais sobre ela. Foi nesse momento que descobri uma característica importante: a “cola” que une os membros do Sítio é a religião do Santo Daime.

Segundo o site [santodaime.org](http://santodaime.org), a doutrina do Santo Daime, também conhecida como doutrina do Mestre Irineu, é uma religião que prega o amor pela natureza e consagra o mundo vegetal e todo o planeta como sendo o cenário sagrado da mãe-terra. O objetivo principal dos seguidores da doutrina é alcançar o auto-conhecimento e a sabedoria. Para isso, realizam cerimônias sagradas nas quais fazem usoda bebida ayahuasca, ou como também é conhecida, Santo Daime. Um elemento importante da espiritualidade daimista é a comunidade. Ela constitui-se como ponto de referência comum para o trabalho espiritual de todos os membros e é a ela que devem ser destinadas as boas aquisições do aprendizado espiritual. A igreja de Viçosa é filiada à Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal (ICEFLU) cuja sede localiza-se na Vila Céu do Mapiá, na Floresta Nacional do Purus, Pauini, Amazonas.

Por fim, a escolha definitiva por estudar o Sítio Palmital foi feita por esta ser uma comunidade local, inserida na realidade de Viçosa e que estimula a discussão de questões que estão ligadas à cidade de maneira geral e que diz respeito a todos os cidadãos. Por exemplo, no Sítio os moradores realizam um projeto de recuperação florestal da bacia do córrego São Bartolomeu e outro de plantação de água. Dessa forma, pode ser que além do projeto comunitário em si, essas questões também ganhem maior visibilidade por meio deste trabalho.

Depois de entender a lógica de constituição do Sítio e ouvir sobre suas práticas cotidianas, percebi que o meu desejo era encontrar e entender as respostas para a seguinte pergunta: como, cotidianamente, se constroem experiências em busca da equidade e da cooperação na comunidade Sítio Palmital, considerando que esta está inserida no caos desigual da vida contemporânea?

Nessa questão que constitui o problema de pesquisa deste trabalho, consideraremos<sup>1</sup> a cooperação como o trabalho conjunto em busca de um objetivo comum e a ajuda mútua entre indivíduos no cotidiano. Já a equidade, consideraremos como a possibilidade de diferentes acessarem o espaço público de forma igualitária. Isso está colocado como contrário em relação ao caos da vida contemporânea, pois atualmente a realidade é de intensa desigualdade e desrespeito à pluralidade dos sujeitos, seja devido a sexo, raça, classe social ou qualquer outro motivo.

O coeficiente Gini, calculado pelo Banco Mundial, mede desigualdade de renda e vai de 0 a 100 (0 representa total igualdade). O índice do Brasil em 2013 (último dado disponível) era de 52,9. Já a nota do país no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, divulgado em 2015 e referente a 2014, é 0,755, ficando atrás de países como a Venezuela. Esta pesquisa considera indicadores como a esperança de vida ao nascer, a expectativa de anos de estudo e a renda per capita. As notas vão de 0 a 1. Ainda segundo a ONU, se mantivermos o padrão de consumo e os níveis de degradação da natureza, em 2025 dois terços da população do planeta poderão ter dificuldades de acesso à água potável e em 2050 precisaremos produzir 60% mais alimentos para alimentar a população inteira<sup>2</sup>. Isso tudo mostra o quanto o sistema capitalista gera desigualdades em nosso país e o quanto estamos prejudicando o meio ambiente com esse sistema. É nesse contexto que se torna importante falar sobre a emergência das comunidades intencionais e mostrar a possibilidade de uma forma mais simples e igualitária de se viver.

A comunicação é uma área que nos ajuda a pensar na vitalidade das relações sociais e nos sentidos que são produzidos pelas pessoas em determinados contextos a

---

<sup>1</sup> Neste trabalho optamos por usar a primeira pessoa do singular para fazer referências a experiências e ideias individuais da autora e utilizar a primeira pessoa do plural para definição de conceitos de outros autores. Além disso, usamos também a primeira pessoa do plural para falar de ideias elaboradas em conjunto com orientador e co-orientadora.

<sup>2</sup> Esses dados foram retirados do site da ONU pelo link [nacoesunidas.org](http://nacoesunidas.org) e de uma notícia da BBC Brasil no link [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505\\_legado\\_pt\\_ru](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505_legado_pt_ru)

partir de uma base teórica e conceitual muito dinâmica e diversificada. Nesse estudo, tomaremos esse campo como base para buscar compreender quais sentidos de cooperação e equidade existem no Sítio Palmital e que podem ser percebidos no fluir das relações sociais, na maneira com que as pessoas interagem. Meu objetivo aqui não é enxergar as estruturas sociais da comunidade, nem as relações de poder, mesmo que em algum momento essa discussão emerja. Pretendo buscar entender as dinâmicas de cooperação fluidas e fugazes e a maneira como ocorrem as resoluções de problemas no aqui e no agora. Esse fenômeno das comunidades intencionais é algo novo que emerge no contexto contemporâneo específico e meu interesse é observar os sentidos, as fragilidades e os valores em movimento na comunidade Sítio Palmital em especial.

Em suma, a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos. (...) Nossa reflexão incide sobre esse momento fugaz em que a cultura, os valores, os desejos e as fragilidades que habitam a vida social e a existência concreta dos homens tomam formas, são recriados, modificados e, enquanto representações, são reapropriados, se convertem em modelos, retornam enquanto novas imagens, refletem nos comportamentos e nos corpos – e assim sucessivamente. (FRANÇA, 2001, p.565).

Retornando ao caminho da pesquisa, é preciso esclarecer que antes de conseguir marcar a visita ao Sítio Palmital, escrevi meus objetivos e enviei por e-mail a todos os moradores da comunidade para saber se eles estavam de acordo em realizarmos esse estudo juntos. Destaquei que o intuito deste trabalho seria compreender como se dão os processos comunicacionais e como se organiza a comunidade Sítio Palmital, considerando que ela está inserida em um sistema social contraditório e desigual. Já os objetivos específicos seriam investigar como, através das experiências da comunidade, os moradores vivenciam ou buscam vivenciar a equidade, dia após dia e, além disso, entender os processos de cooperação que norteiam as relações entre os moradores. Por último, ainda relatei a pretensão de analisar como os integrantes da comunidade lidam com as diversas questões que surgem entre moradores de gerações diferentes.

Após obter respostas positivas para a realização da pesquisa, combinei a data e logo surgiu a primeira dificuldade: a locomoção. Os horários de ônibus que dão acesso ao bairro Palmital são muito escassos, principalmente aos finais de semana. Além disso,

eles ainda param alguns quilômetros longe do Sítio, então alguém teria que ir me buscar na parada do ônibus.

Com sorte e depois de uns três telefonemas para a empresa de transporte público de Viçosa, resolvi essas dificuldades e no sábado dia 6 de agosto fui para a comunidade. Passei o dia inteiro e conheci vários cantinhos do Sítio, guiada pelas crianças que moram lá. Encantei-me com a arquitetura das casas, com a delicadeza da horta comunitária, o tamanho da agrofloresta, com a novidade das bioconstruções, assim como com o lugar da plantação de água, com a beleza da igrejinha, e com a imensidão de natureza, espaços verdes, lagos e animais. Todo esse passeio foi finalizado com um piquenique no Bosque dos Jacarés cheio de maçãs e com um monte de histórias contadas pelos meus guias mirins. À tarde, conheci alguns moradores, pude me apresentar e conversar um pouco. Também presenciei um mutirão de início das reformas na casa principal, realizado por moradores e por amigos que não moram lá. Foi devido a isso, e contando com um pouco de sorte, que eu consegui uma carona para voltar para a cidade com um estudante que ajudava no mutirão. Se ele não estivesse lá, não sabia bem como voltaria pra casa naquele fim de tarde.

No meio dessa história, acabei convidando a moradora do sítio que me encontrou desde o primeiro dia, me buscou no ponto de ônibus, me acompanhou durante as visitas e me elucidou o pensamento durante várias conversas para ser minha co-orientadora e embarcar comigo nesse trabalho.

### **Aspectos metodológicos**

A ideia inicial que tínhamos para a metodologia da pesquisa era fazer entrevistas com cada pessoa da comunidade, conhecê-las um pouco mais e ouvir o que elas tinham para contar individualmente sobre suas ideologias e modos de vida. Porém, após observar esse forte laço de união e coletividade existente entre eles, aliado a uma manifestação de desconforto em dar entrevistas demonstrada por alguns deles, eu juntamente com meu orientador e co-orientadora chegamos à conclusão que essa talvez não fosse a melhor maneira de conduzir o trabalho. Então marquei um encontro no dia 3 de setembro com todos os moradores para que pudéssemos decidir coletivamente qual

metodologia adotar além da observação semi-participante, que eu já tinha colocado em prática desde a primeira visita.

O que estou considerando aqui como observação semi-participante é o uso que fiz da observação para coleta de dados, considerando que estive presente e inserida no cotidiano da comunidade diversas vezes. Durante três finais de semana participei de algumas de suas atividades, estive dentro da casa deles, brinquei com as crianças, etc. Porém, não considero que tenha sido uma observação completamente participante, já que não morei lá em nenhum período e, conseqüentemente, não consegui acompanhar tudo o que faziam. Lüdke e André (1986) afirmam que uma vantagem em utilizar essa técnica é o pesquisador poder estabelecer um contato pessoal com o objeto de investigação. Assim, ele consegue acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e apreender os significados que atribuem à realidade e às suas ações. A partir dessa observação semi-participante, me propus a ficar atenta aos pequenos indícios que me levariam a compreender a comunidade, ação defendida também pelo paradigma indiciário.

Ele propõe que para compreender um fato, precisamos estar atentos às coisas que parecem irrelevantes, mas na verdade carregam grande significado. O desafio do pesquisador é perceber que coisas são essas, quais são os pequenos acontecimentos, falas, gestos, presenças, etc. que podem dizer algo.

O conhecimento se constrói a partir de pistas, indícios, sinais, sintomas, e ganha concretude e eficiência (enquanto conhecimento) quando aparece cravado em meio às próprias formas de experiência do sujeito cognoscente. Sendo assim, as formas de saber tradicionalmente indiciárias são orientadas para a análise de casos individuais: são eles que se tornam passíveis de reconstrução. E é por isso que pegadas e rastros indicam o *acontecimento* de alguma coisa, e solicitam, como substrato básico *daquele-que-desejasaber* (um pesquisador, talvez), o seu envolvimento com a concretude mesma da experiência. (MAFRA, 2011, p.101)

Vale destacar que essas pistas nos possibilitam fazer inferências e não tirar conclusões absolutas. É curioso e positivo que o paradigma não exclua as experiências anteriores do pesquisador e valide sua capacidade de percepção das coisas como método de pesquisa. Ademais, ele estimula a problematização das percepções, a análise dos acontecimentos e não o simples empilhamento de informações.

Durante o período que passou entre a minha primeira e segunda visita ao Sítio, a comunidade já começou a ter alguns momentos de questionamento e discussão entre si sobre os objetivos do trabalho. Desde o dia em que enviei o e-mail, alguns assuntos surgiram sobre os tópicos que seriam abordados, os próprios moradores já se questionavam sobre temas que poderiam vir a ser abordados por mim.

No dia 3, antes do encontro que havia marcado com os moradores para discutir a metodologia, aconteceu uma reunião para escolher os novos membros da diretoria do ISAVIÇOSA<sup>3</sup>, instituto cuja sede é no Sítio. Acompanhei as discussões, já atenta ao modo como resolviam questões, e logo após fizemos um lanche comunitário, para o qual cada um levou algo de casa. Depois foi minha vez de falar.

Apresentei-me, contei um pouco da minha história pessoal e de como decidi fazer esse trabalho de conclusão de curso. Também expliquei como foi feita a escolha da comunidade e o que eu pretendia obter como resultado: proporcionar um momento de reflexão coletiva sobre o Sítio Palmital. Foi preciso esclarecer que eu não estava prometendo levar resultados específicos para eles, mas sim provocar reflexões, conhecer um pouco mais sobre esse modo de vida diferente e mostrar às pessoas de Viçosa, da região ou de qualquer lugar do mundo que tenham a oportunidade de ler esse trabalho que o Sítio Palmital existe como uma vida coletiva possível.

Ouvi questionamentos e preocupações de todos e propus minhas ideias de metodologia: após uma divisão entre grupos segundo uma lógica geracional, realizaria um grupo focal ou de discussão com os adultos, uma entrevista coletiva informal durante um piquenique com as crianças e entrevistas individuais com os dois adolescentes que estavam presentes. Além disso, continuaria frequentando o Sítio para poder observar o dia a dia de todos e como se organizavam na realização das práticas comunitárias. Os moradores gostaram das ideias, das bibliografias escolhidas, expuseram suas preocupações e marcamos o próximo encontro para o dia 7 de setembro.

Entre esses dias, li muitos relatos sobre grupos focais e procurei em diversos sites dinâmicas que se encaixassem em meus propósitos principais. Os temas a serem discutidos já haviam sido escolhidos anteriormente em reunião com o orientador:

---

<sup>3</sup> Instituto Socioambiental de Viçosa. Mais informações no capítulo 1.

cooperação, equidade e gerações. Preparei o material necessário, incluindo um delicioso bolo de chocolate pedido pelas crianças para o piquenique e um roteiro de perguntas para guiarem as entrevistas. A parte do bolo sem dúvidas foi a mais desafiadora nessa primeira fase do processo, mas no fim ele fez bastante sucesso.

Cheia de nervosismo, cheguei lá na manhã do dia 7. As crianças já estavam animadas, preparando as coisas e pegando seus lanches para irmos fazer o piquenique. Encontramos um lugar confortável na sombra, próximo ao lago e iniciamos nossa conversa e o lanche, que duraram uma hora, aproximadamente, e tiveram a presença de 4 meninas e 6 meninos. Eu fiz diversas perguntas e pedi para que todos respondessem. Para que a conversa tivesse o mínimo de organização, pegamos uma plantinha do chão e definimos que ela seria o “bastão da fala”. Só quem estivesse com ela na mão poderia falar, enquanto os outros ficariam em silêncio, ouvindo o colega. Apesar de algumas interrupções, a ideia deu certo. Simultaneamente, acontecia um mutirão na casa principal novamente, para colocar barro nas paredes. Então, depois do lanche, passamos por lá para ver como estava a evolução da reforma e deixamos algumas frutas para os trabalhadores.

Após o almoço, entrevistei cada um dos adolescentes separadamente na mesa da cozinha. Foi uma conversa rápida, basicamente para entender o que pensavam e como se sentiam em relação à maneira como vivem. Eu já havia preparado um roteiro de possíveis perguntas, mas a entrevista correu mais como um bate papo. Às três horas da tarde fomos para a Lona Cultural organizar o espaço para receber os adultos para o grupo focal. Devido a alguns compromissos eles se atrasaram um pouco, mas conseguimos realizar o grupo com muito sucesso em aproximadamente duas horas. Ao final, um lanche coletivo celebrou o encontro e finalizou os trabalhos do dia.

Diante deste investimento metodológico, esse trabalho se organiza em dois capítulos. No primeiro capítulo, o esforço foi de vincular o Sítio Palmital a uma ampla definição de comunidades do entorno, que são comunidades que surgiram com a proposta de instaurar novos modos de vida – não necessariamente alternativos, mas diferentes em relação à maneira comum de viver atualmente. Ainda neste capítulo farei uma contextualização sobre o Sítio, contarei resumidamente sua história e apresentarei alguns dados sobre as dinâmicas realizadas.

O segundo capítulo traz uma discussão sobre o conceito de equidade com o objetivo de entender a equidade como pluralidade, a partir da noção de Hannah Arendt. Também nesse capítulo aparece um relato e análise das práticas cooperativas realizadas pelos moradores, além de uma reflexão sobre as questões geracionais. Por último, as considerações finais são uma reflexão dos resultados do estudo, assim como uma proposição a futuras pesquisas sobre o assunto.

## CAPÍTULO 1 - COMUNIDADES DO ENTORNO

O mundo pós Segunda Guerra passava por um período de disputa de hegemonia ideológica: Estados Unidos e União Soviética lutavam para defender o capitalismo e o socialismo, respectivamente. Paralelamente, uma forte industrialização e consequente urbanização fez crescer as cidades e a disputa por empregos. No Brasil, somente entre 1960 e o final de 1980, estima-se que saíram do campo em direção às cidades quase 43 milhões de pessoas. O regime militar instalado a partir de 64 e o capitalismo defendido por ele foram duramente combatidos por grupos de esquerda, os quais defendiam que a modernização global em curso excluía e continuava deixando muitas pessoas na miséria. Nesse cenário, jovens de diversos países se organizaram em um movimento de ruptura com a cultura dominante, o que a imprensa nomeou “contracultura”.

Pode-se, nesse sentido, definir a contracultura como a representação dada a um conjunto de manifestações de repúdio ao *modus vivendi* predominante no Ocidente, por parte da juventude dos anos 60 e 70 do século passado, das quais resultaram algumas transformações socioculturais (...). (CAPELLARI, 2007, p. 7).

Essa revolução propagou-se através de ações coletivas e pessoais muito diversas, mas que tinham um objetivo em comum: buscar transformações sociais radicais na sociedade. Daí surgiram grupos reivindicando o feminismo, a ecologia, o movimento negro, os direitos dos cidadãos, o modo de vida *hippie*, a nova esquerda, etc. Ainda segundo Capellari (2007), a intenção dessas pessoas não era tomar o Estado, mas sim implantar formas alternativas de vida em determinados espaços da sociedade. Então, “à família burguesa, núcleo básico da reprodução cultural, isto é, da neurose individual e coletiva, a contracultura propôs a vida em comunidade, inserindo um modelo da sociedade do futuro no próprio corpo enfermo da sociedade vigente.”. (CAPELLARI, 2007, p. 49).

Esses movimentos de 60/70 incitaram novas ideias, criando experiências de novos estilos de vida e de agir politicamente, ficando com a responsabilidade de

mudanças diante de um mundo considerado, por eles, como cativo e decadente. A busca por maneiras mais simples e naturais de se vestir, de se alimentar, de se curar, de morar, foi a principal responsável pelo surgimento de experiências e práticas que almejavam uma forma de viver comunitária e em harmonia com o ambiente.

No Brasil, foi a partir da década de 70 que começaram a surgir comunidades alternativas rurais influenciadas pelo movimento hippie e pela contracultura. As pessoas que formavam essas comunidades lutavam pela criação de novos valores e por um novo estilo de vida. De acordo com Dias (2005), citada por Capellari (2007), não existe um modelo exato dessas comunidades, mas algumas características comuns: a distribuição de tarefas e do espaço deve ser resultante do consenso, e isso só é possível se os membros tiverem afinidades e interesses comuns, e a dinâmica sugerida é a do conselho tribal indígena, ou seja, todos devem se reunir para discutir seus problemas comuns e gerar soluções. Essa regra da autogestão vem do questionamento dos jovens que formavam essas comunidades sobre a autoridade em si, seja ela a do pai, do chefe ou do Estado. Além disso, o contato com a natureza, a produção agrícola sem uso de fertilizantes químicos e uma alimentação mais natural, baseada no vegetarianismo, também foram recorrentes.

Essas comunidades alternativas foram mais comuns no sul de Minas Gerais, na Chapada dos Veadeiros (GO), na Chapada Diamantina (MT), na Serra da Bocaina (SP) e no Planalto Central. Elas deram origem à Associação Brasileira de Comunidades Aquarianas, Anarquistas ou Arco-íris (ABRASCA) e a organização, desde os anos 1970 até hoje, dos Encontros Nacionais de Comunidades Alternativas (ENCAs) em diferentes regiões do país.

Uma das comunidades mais conhecidas do Brasil foi a Cidade Fraterna ou FraterUnidade. Um barraco de madeira construído em 1963 na área rural de Pirenópolis (GO) foi seu marco inicial e posteriormente chegou a abrigar 200 moradores que viviam em um sistema cooperativo de produção agrícola e distribuição de renda.

A Cidade Fraterna foi estudada por Aico Nogueira (2001), que concluiu que a trajetória dos moradores de lá seguiam a lógica do caminhante<sup>4</sup> e a vivência naquela comunidade era uma de suas etapas de passagem. Todas as pessoas entrevistadas na

---

<sup>4</sup> A lógica do caminhante refere-se a cidadãos que vivem em constante mudança, não se fixam em um único lugar por muito tempo. Isso porque estão sempre em busca de novas experiências de vida.

pesquisa de Nogueira afirmaram ter resolvido mudar suas formas de vida após uma crise pessoal decorrente da falta de identificação com o sistema capitalista como o vivenciamos. A busca pelo autoconhecimento e pelo equilíbrio também apareceu como motivação para a mudança. A Frater não conseguiu romper completamente com a ordem vigente. Os moradores ainda tinham a posse legal da terra, às vezes usavam a mão-de-obra como no sistema capitalista, dependiam de doações de ex-moradores ou familiares e viviam sob as normas de um estatuto juridicamente reconhecido. Apesar disso, o autor percebeu que ao deixar a comunidade, depois de ter participado de diversos projetos, as pessoas estão transformadas em alguns aspectos.

A migração para fora dos centros urbanos ainda hoje continua sendo um fenômeno social, mesmo que por razões diferentes. A partir da década de 90, novamente ela se intensificou. Opondo-se ao êxodo rural, que aconteceu principalmente no período de industrialização das cidades, surge o conceito de êxodo urbano para nomear esse movimento de deixar os grandes centros. A mudança costuma ser ou para o meio rural mais afastado, ou para locais adjacentes às cidades, os subúrbios.

A saída da cidade para o meio rural é muito menos linear em termos de destino e nem todos o fazem como os que anteriormente migraram no sentido contrário. É um processo oposto em várias componentes, mas não no seu todo. Assim sendo, o conceito de êxodo urbano é mais abrangente e inclui a gentrificação rural, que em termos sociais, representa as pessoas que se movem para o meio rural, tendo conhecimento suficiente para dinamizar e diversificar o ambiente em que se inserem. (RIBEIRO, 2013, p. 18).

Segundo dados do IBGE, o movimento urbano-rural representou 8% da migração do país no período de 1981 a 1991 e envolveu cerca de dois milhões de brasileiros. Nos estados da Região Norte, os fluxos urbanos-rurais foram responsáveis por 16% da migração, correspondendo a 363 mil migrantes. Entre os estados do Nordeste, o Maranhão registrou maior participação no movimento migratório urbano-rural (21% do total), com 178 mil pessoas envolvidas neste tipo de migração. Nessas regiões, o dinamismo do meio rural incentivou a migração urbano-rural. Inclusive, foram realizadas políticas públicas de atração populacional, como os assentamentos rurais nas áreas de fronteiras. Em São Paulo e Minas Gerais, aproximadamente 267 mil migrantes e 226 mil, respectivamente, realizaram movimentos migratórios nessa direção.

Nesse sentido, na visão de Baeninger (1998), dois fenômenos estão ligados a esse acontecimento: busca por mais conforto no campo, que aparece como um refúgio para a classe média e a procura por emprego, já que a cidade não mais absorve tanta mão-de-obra disponível das classes mais baixas.

O primeiro deles está relacionado à migração da classe média e média alta que buscam residências em condomínios fechados, localizados em áreas rurais, para se refugiarem da violência, da poluição e do caos urbano; o segundo fenômeno, que envolve grupos sociais pobres, refere-se à possibilidade de emprego e acesso à terra no meio rural, como mecanismo de sobrevivência, já que o atual emprego urbano-industrial não mais absorve este grupo social. Nesse sentido, a migração urbano-rural registrada no Estado de São Paulo ilustra a atual configuração do processo de urbanização e de redistribuição espacial da população no Brasil, com novas modalidades de deslocamentos populacionais, as quais vêm se somar aos tradicionais movimentos migratórios. (BAENINGER, 1998, p. 766).

Baronet (2012) acrescenta ainda que alguns jovens escolhem migrar, mesmo possuindo oportunidades de emprego no local de origem. Isto significa que as motivações de algumas pessoas vão além do interesse empregatício que lhes permita o sustento ou a independência. As disposições individuais e os desejos subjetivos de concretizarem/satisfazerem projetos, sonhos, ambições e expectativas, são fatores que influenciam certos jovens a migrar ao invés de se fixarem localmente. O autor ainda constatou que as migrações entre o campo e a cidade também ocorrem devido a redes de apoio/influência ou fruto das histórias e individualidades que os jovens vão construindo no plano das suas vidas.

Um conceito citado por Maria Luisa Francisco objetiva explicar outra motivação para essa migração urbano-rural. É o que ela chama de ecoimigração, que seria o movimento com razões predominantemente ecológicas, em busca de maior qualidade de vida, preocupado com a integração no meio social e a forma de relacionamento com o meio ambiente. Segundo ela, é a mudança de “populações com elevado nível econômico, cultural e acadêmico, para espaços de significativo valor ecológico, predominantemente áreas rurais, numa lógica de desenvolvimento pessoal e sustentável.” (FRANCISCO, 2007, p.1). “É uma população à procura de um clima ameno e condições de vida associadas ao patrimônio natural. É uma população muito diversa a nível etário e a nível econômico.” (FRANCISCO, 2007, p. 11).

Nesse sentido, o processo de êxodo urbano não linear, diferenciado e múltiplo é motivado e/ou influenciado de alguma forma pelo surgimento de comunidades nos entornos das áreas urbanas. Essas, por sua vez, são formadas por pessoas que partem de algum tipo de rompimento com os valores da vida urbana e que tentam instituir formas de vida alternativas ao modelo hegemônico compartilhado socialmente nos dias de hoje.

### **Desenvolvimento sustentável e comunidades intencionais**

De acordo com a Conferência de Estocolmo<sup>5</sup>, que definiu a ideia adotada ainda hoje, o desenvolvimento sustentável é a forma de desenvolvimento que se pratica conservando e usando de forma sustentável, por tempo indeterminado, os componentes da biodiversidade. Desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras satisfazerem as suas. Esse conceito surge em um contexto de crise ambiental através do Relatório Brundtland, publicado em 1987 e elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento como uma das ações anteriores à Agenda 21. Foi nesse momento que essa questão ambiental começou a ganhar visibilidade política e social devido a altos níveis de degradação dos recursos naturais e dos impactos negativos que trouxeram a saúde humana.

Para Leff (2001), o desafio da sustentabilidade é entender a natureza como produtiva sustentavelmente dentro de uma racionalidade que envolva a ecologia, a tecnologia e a cultura. Para ele, o desenvolvimento sustentável é um projeto político e social que leva a uma diversificação dos tipos de desenvolvimento e dos modos de vida das populações. Dessa forma, surgem novas referências à democracia que induzem a uma participação das comunidades na apropriação de seus recursos ambientais. Além de conservar a diversidade biológica, é preciso também proteger a diversidade cultural, tudo isso orientado pela racionalidade ambiental.

O filósofo Thoreau (1854) foi um dos percussores da ecologia e do movimento ambiental. Para ele, crescimento não significa acumular coisas ou possuir bens, mas sim é um desenvolvimento mental, espiritual e moral inserido em uma relação de subsistência. A exploração do resto do sistema biótico não é uma opção. Ainda segundo o autor, a paisagem e a natureza praticamente constituem o imaginário cultural de um povo, pois sendo tanto naturais quanto culturais, transformam-se em uma entidade

---

<sup>5</sup> Foi a primeira grande reunião de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas (ONU) para tratar das questões relacionadas à degradação do meio ambiente, em 1972.

material e participam na definição identitária. Em suas obras, ele critica fortemente os novos hábitos de vida que surgiam na época, com a industrialização, o crescimento das cidades e o aumento do consumo.

Mas vejam só! Os homens se transformaram nos instrumentos de seus instrumentos. Aquele que na maior liberdade apanhava os frutos nas árvores quando sentia fome, tornou-se agricultor; o que se deixava ficar debaixo de uma árvore por abrigo, virou caseiro. Não mais acampamos por uma noite, mas nos instalamos na terra esquecidos do céu. (THOUREAU, 1854, p.15).

É nesse novo contexto que surgem as comunidades intencionais. Segundo Santos Jr (2006), nelas o viver em conjunto com outras pessoas é uma opção fundamentada em princípios comuns e os moradores tem um forte comprometimento com uma causa ou missão. Mesmo inseridas em um contexto social mais geral, os membros esforçam-se para recriar coletivamente suas vidas, compartilhando práticas e crenças. Elas se diferenciam das experiências de comunidades tradicionais principalmente devido à *intenção* pela qual são formadas.

Apesar de surgirem de formas diversas e adversas, na maioria das vezes em oposição aos contextos hegemônicos de suas épocas, as comunidades intencionais vigoram como experiências sociais ricas e inauditas, na tentativa de tornarem reais sonhos e utopias. Assim, ao espírito comunitário alia-se um forte sentimento de comprometimento com a realização de um viver humano que se coadune com forças criativas e sublimes da própria Vida. O devir histórico do humano em parceria com a Terra e com o Mistério. (SANTOS JR, 2006, p.7).

Dentro desse grupo de comunidades, um tipo vem se destacando no século 21: as ecovilas. Elas partilham de ideias de comunitarismo e de sustentabilidade e defendem uma forma de vida mais simples, além de incentivarem relações cooperativas e solidárias. Pacifismo, autogestão, laços comunitários e busca do autoconhecimento são algumas das características dessas comunidades. Ainda se posicionam contrárias às lógicas do consumismo e do lucro em curto prazo. São essas especificidades que distinguem uma ecovila: são intencionais e sustentáveis. Seus membros procuram conciliar a vivência comunitária com uma existência produtiva e cooperativa, incluindo a divisão de tarefas, de recursos e de sua administração. “As ideias de integração e integridade no saber/fazer cotidiano unificam as práticas e dinâmicas do grupo pela

crença na criação de novas estruturas do viver. Além do que, a realização das práticas é corroborada por um forte sentido de inclusão e de aprendizagem” (SANTOS JR, 2006, p.10).

Elas estão presentes em diversas regiões e são baseadas em diferentes culturas e tradições. Porém, prevalece a integração com os ecossistemas locais através da aplicação e da realização de pesquisa em tecnologias limpas, da prática de reciclagem e do respeito à biodiversidade. Além disso, apostam, dentre outras práticas, na permacultura<sup>6</sup>, na produção orgânica de alimentos, na recuperação ambiental e em sistemas de reaproveitamento de dejetos. Isso tudo é construído com relativamente baixo custo, o que torna as ecovilas ainda mais comuns e acessíveis a diferentes grupos. Diante do período de crise econômica e de escassez de recursos que vivemos, esse movimento chama cada vez mais atenção.

Para Svensson (2002), citado em Santos (2006), as ecovilas apresentam três dimensões essenciais: ecológica, social e cultural-espiritual. A primeira delas diz respeito às práticas citadas acima (permacultura, reciclagem); na segunda está presente tanto o nível comunitário (as relações e trocas, a gestão de conflitos) quanto o econômico (geração de renda) e a última foca no senso de pertencimento cultural e espiritual (celebrações, rituais, crescimento pessoal). Cada ecovila pode ter uma dessas características como mais forte e predominante, existindo assim umas mais espirituais, outras mais ecológicas, etc., mas todas devem possuir também os outros aspectos de forma integrada.

Seguindo essas lógicas, o Sítio Palmital, que se constitui como universo empírico dessa monografia, apresenta fortes características de uma comunidade intencional e até, mais especificamente, de uma ecovila. No próximo tópico, a intenção é problematizar e historicizar o surgimento do sítio, além de compreender como na visão dos moradores ele se apresenta frente ao contexto social mais amplo em que se situa - tanto do ponto de vista dos moradores sobre eles mesmos, quanto do ponto de vista de cada um em relação ao contexto externo à comunidade.

### **O Sítio Palmital: comunidade do entorno, comunidade intencional, ecovila**

---

<sup>6</sup> É um sistema de planejamento para a criação de ambientes humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio e harmonia com a natureza. Seus princípios éticos são cuidar da terra, cuidar das pessoas e compartilhar excedentes.

Ao vir estudar na Universidade Federal de Viçosa, dois jovens daimistas acabaram se conhecendo em 1997. A religião, interesse de ambos, foi o que motivou esse encontro, possível devido a amigos em comum.

Um deles já era fardado e havia reunido um pequeno grupo de amigos para fazer semanalmente a Oração do Padrinho Sebastião. Eles rezavam e cantavam os hinos, mas ainda sem comungar o Santo Daime. Porém, após conhecer o novo amigo, que tinha um pouco de Daime (chamado de Daime de Guarda), resolveram começar a fazer os trabalhos de Concentração do Mestre Irineu (realizados em todas as Igrejas do Santo Daime, nos dias 15 e 30 dos meses) consagrando a bebida. No dia 15 de março de 1997 realizaram o primeiro trabalho de Concentração em Viçosa.

Alguns dias depois, o grupo recebeu a visita de Francisco Corrente, um dos companheiros do Padrinho Sebastião<sup>7</sup>. Ele desenvolvia um projeto de fabricação de doces na Amazônia e estava a pesquisar pela região de Viçosa técnicas e inovações na produção de doces. (Foi nessa ocasião também que Francisco Corrente conheceu pesquisadores da UFV, que mais tarde visitaram as comunidades Fazenda São Sebastião e Vila Céu do Mapiá, na FLONA do Purus/Amazônia, para pesquisas de corantes naturais. Tio Chiquinho, como era chamado por todos, participou vários anos da Semana do Fazendeiro também, promovendo um intercâmbio entre a UFV e a Floresta Amazônica. Ele faleceu em janeiro de 2012). Com a visita de Francisco Corrente, veio a bênção e a autorização para que os jovens prosseguissem na realização dos trabalhos de Santo Daime em Viçosa.

Inicialmente, os encontros eram realizados em casa, mas o grupo foi crescendo e sentiram a necessidade de ter um espaço próprio para a realização das reuniões. Conseguiram autorização do proprietário de um sítio na Viroleira para construir um pequeno quiosque, no qual passaram a realizar os trabalhos. Com o tempo, passaram a sonhar em construir uma igreja e em viver juntos. Decididos a seguir um dos ensinamentos da religião que prega que as virtudes só podem ser provadas na vida em comunidade e a permanecer em Viçosa, resolveram comprar um terreno no Palmital em 2005, onde pudessem morar várias famílias juntas.

Um amigo que fazia parte do grupo foi quem encontrou o terreno no bairro rural e achou que seria o lugar ideal para concretizar o projeto comunitário. Ele mesmo nunca

---

<sup>7</sup> Padrinho Sebastião ou Sebastião Mota de Melo foi um discípulo do mestre Irineu e fundador da Vila Céu do Mapiá.

chegou a morar na comunidade. Na época, o terreno era predominantemente formado por pastos degradados, então algumas intervenções precisaram ser feitas antes da construção das casas. Os futuros moradores realizaram um processo de reflorestamento intenso e outro de recuperação das nascentes com o apoio do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE e do Instituto Estadual de Florestas- IEF

Assim nasceu o Sítio Palmital (que já era denominado dessa forma antes da chegada dos novos moradores), localizado no bairro Palmital, zona rural de Viçosa, a 8 km do centro da cidade. O local abriga a primeira e mais alta nascente do córrego São Bartolomeu (ver figura 1). O bairro não tem iluminação nas vias de acesso, não é asfaltado, não possui comércios, escolas ou postos de saúde.

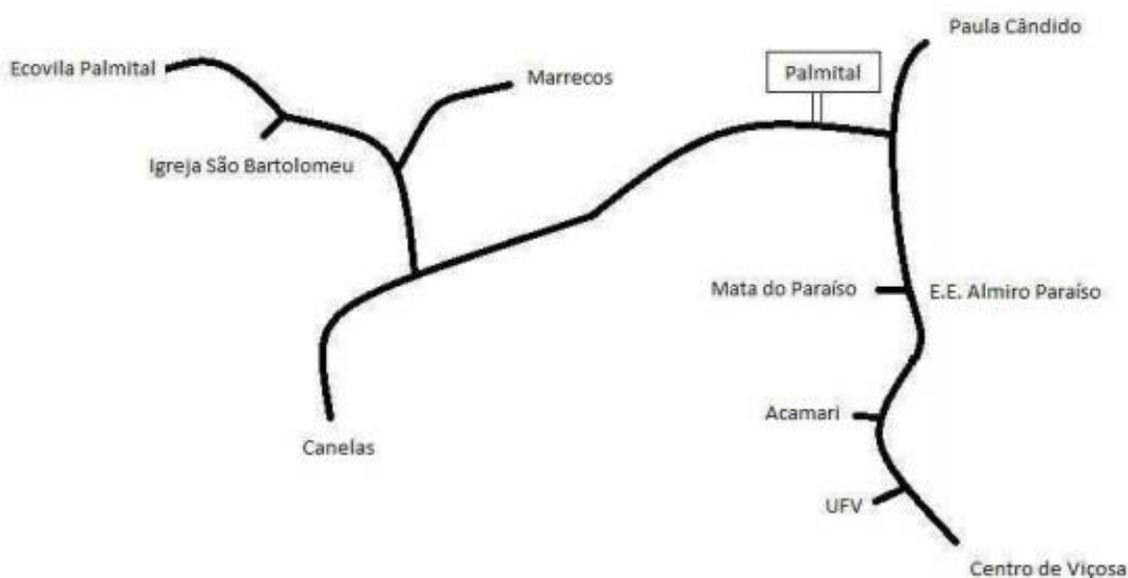


Figura 1 - Mapa do local (Fonte: Ludimila Marinho)

Oito famílias vivem hoje em oito casas diferentes espalhadas pelo Sítio. Elas são todas constituídas por casais héteros, sendo assim, moram na comunidade sete homens e sete mulheres em idade entre 24 e 53 anos e um homem e uma mulher com 68 anos. A média de filhos por casal é muito alta, então além dos adultos, a população de lá é composta por três adolescentes entre 16 e 18 anos, 14 crianças entre quatro e 13 anos e dois nenéns (um de 11 meses e um na barriga da mãe). Ao todo, 35 pessoas moram na comunidade, mas nem todas participaram dessa pesquisa.

Entre os 16 adultos, apenas quatro não possuem ensino superior completo, mas um deles está cursando. Seis são professores e os outros se dividem em profissões como engenheiro florestal, agrônomo, assessora de comunicação, advogada e representante de vendas. Todas as crianças com idade suficiente já estão na escola e o adolescente de 18 anos já frequenta a universidade. Ademais, os moradores são predominantemente brancos, apenas uma mulher é descendente de índios.

Para a construção das casas no Sítio Palmital, os moradores tentaram usar o máximo de recursos naturais possíveis em suas estruturas. Como exemplo, podemos citar que uma delas tem um telhado vivo, cheio de gramas e flores; outra tem um banheiro seco que direciona os dejetos diretamente para uma caixa de compostagem. Hoje o Sítio conta com uma casa completamente erguida pela bioconstrução: seus tijolos foram feitos de barro, a estrutura é de madeira, a tinta é de terra, etc. É nessa comunidade também que está localizada a igreja do Santo Daime de Viçosa.



Figura 2 - Curso de bioconstrução (Fonte: ISAVIÇOSA)



Figura 3- Igreja do Santo Daime (Fonte: Arquivo pessoal de moradora)

Durante cinco anos, o Sítio também abrigou uma creche. Na época, devido ao grande número de crianças com menos de 6 anos na comunidade e em todo o bairro Palmital, à necessidade dos pais de deixar os filhos com alguém para trabalhar e à dificuldade de locomoção até o centro de Viçosa, os moradores perceberam essa demanda e resolveram readaptar a casa principal para receber as crianças. A Casa das Crianças Menino Jesus, como ficou conhecida a creche, uniu bastante os moradores do Sítio com a população do Bairro Palmital, já que ambos trabalhavam juntos no projeto e usufruíam dele. Nessa época foram realizadas muitas festas comunitárias para comemorar datas festivas, religiosas, etc. e também diversas oficinas de bordados e artesanato.



Figura 4 – Creche Casa das Crianças Menino Jesus (Fonte: Arquivo pessoal de moradora)

Visando expandir suas atividades para além da parte religiosa, focando nas questões ambientais, a comunidade resolveu criar, em 2007, o ISAVIÇOSA, o Instituto Socioambiental de Viçosa. Ele é uma entidade sem fins lucrativos cujo objetivo é apoiar e desenvolver ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida, em harmonia com a preservação do meio ambiente. Sua missão é promover uma relação harmoniosa entre o ser humano e o seu meio. A página do instituto no Facebook afirma que

através de atividades de caráter social, cultural, técnico e científico, o ISAVIÇOSA busca contribuir para a construção de soluções criativas e locais para os desafios e problemas socioambientais da atualidade. (...) O Instituto desenvolve ações de promoção, fortalecimento e intercâmbio da cultura, educação ambiental, e apoio à organização e desenvolvimento comunitário sustentável, e oferece serviços técnicos e capacitação na área de meio ambiente, planejamento e gestão participativa. (ISAVIÇOSA, 2016).

Como a Casa das Crianças Menino Jesus teve que fechar porque a maioria das crianças na época atingiu idade de ir para a escola (ensino fundamental) e a ideia da creche acabou perdendo força, aquele espaço virou a sede do ISAVIÇOSA. Através dele os moradores puderam concorrer a editais lançados por empresas privadas e receber investimentos em seus projetos culturais e sociais. Um exemplo disso foi a lona

de circo doada por um banco, que durante muito tempo foi palco de diversas atividades lúdicas e culturais. O espaço chegou a ser nomeado “Lona Cultural” e diversas Feiras Culturais aconteceram lá.



Figura 5- Lona Cultural (Fonte: ISAVIÇOSA)

No fim de 2011, uma árvore caiu sobre a lona e destruiu sua estrutura. Os eventos que integravam a comunidade e o bairro foram interrompidos. Só algum tempo depois os moradores reformaram o espaço que ganhou vigas de madeira, telhas feitas com refugo de tubo de pasta de dente e o pano de roda da lona de circo foi reaproveitado e colocado envolta, servindo de “parede”. Nesse local agora são realizados cursos e reuniões do ISAVIÇOSA, encontros dos moradores e festejos do Santo Daime.

Os moradores do Sítio Palmital possuem ainda uma horta coletiva que é cultivada por todos, de acordo com seus conhecimentos, uma agrofloresta extensa, que é um local de reflorestamento com várias árvores e plantas diferentes, consorciadas com alimentícias, além de diversas áreas destinadas a projetos ambientais, como o plantio de água (grandes buracos no solo que armazenam a água da chuva e auxilia na sua infiltração). Sempre que surge alguma demanda de construção ou reparos eles se

organizam em mutirões e todos os moradores que podem ajudam. As decisões importantes e maiores que dizem respeito à comunidade de forma geral são tomadas em assembleia e sempre baseadas no maior consenso possível entre todos, em detrimento do sistema de votações.



Figura 6 – Horta coletiva (Fonte: arquivo pessoal de moradora)

O Sítio Palmital apresenta características de uma comunidade do entorno, já que é localizado na zona rural, mas mesmo assim está próximo ao centro urbano de Viçosa. Também se apresenta como comunidade intencional, pois é formado por pessoas que pretenderam romper com as formas de vida urbana hegemônica. Por fim, possui ainda características de ecovila, uma vez que a religião do Santo Daime junto com a luta ambiental protagonizada pelo ISAVIÇOSA representa o modo de vida da comunidade e das relações que ela tem com seu entorno. Entretanto, é preciso pensar: como os moradores se auto definem? Como uma comunidade alternativa? Uma comunidade intencional? Mais especificamente, seria uma ecovila?

### **“Não somos modelos de nada para ninguém”: identidade e partilha de sentidos**

Para Bauman (2005) a identidade é uma autodeterminação, de modo que as comunidades acabem constituindo as entidades que a definem. A identidade é uma

invenção, uma construção realizada com esforço, e não exatamente uma descoberta. É ao mesmo tempo algo que nunca está concluído e que é construído em relação aos vínculos estáveis que conectam as pessoas umas às outras. Já Dubar (1997) acredita que a identidade é socialmente construída e resulta dos processos relacionais (suas ações na sociedade) e biográficos (história de vida e projetos pessoais). O autor fala ainda em “formações identitárias”, pois crê que é possível para o sujeito assumir diversas identidades. Elas são formadas em um processo complexo de junção de atos de atribuição, ou seja, o que os outros dizem ao sujeito, e atos de pertença, quando ele se identifica com as atribuições recebidas. A primeira é um tipo de identidade construída para e pelo outro, já a segunda é para o próprio sujeito.

Além disso, segundo Tacussel (1998), para que qualquer coisa tenha um significado compartilhado, é preciso que ela seja repensada e apropriada pelo outro sujeito de maneira intersubjetiva, ainda que dessa forma surjam conflitos. O grande desafio é que cada relação intersubjetiva possui suas fronteiras. Porém, a comunidade é precisamente o espaço das relações intersubjetivas e da humanidade compartilhada.

Quando questionados sobre a questão da identidade durante grupo de discussão, os moradores disseram não se preocupar muito com as definições externas. Para eles, o mais importante é a identidade interna, a identificação dos moradores com o que os mantém unidos em comunidade.

A identidade é super importante pra mim quando eu me identifico com as pessoas e os projetos comuns que a gente tem, e faço a opção de continuar e estar aqui. Essa identidade é muito importante e a origem dela, muito antes desses conceitos como alternativa ou ecovila, vem de dentro do Santo Daime, que é a linha a qual estamos ligados. Essa linha traz a proposta de que a vida comunitária é que vai propiciar as possibilidades pra colocar em prática o que a gente acredita, prega o que está dentro da doutrina, como as virtudes que o ser humano deve desenvolver. (Morador da comunidade).

Depende de vários níveis essa questão da identidade. Tem muito a ver com o que nos mantém unido aqui. Essa identidade é algo mais fundamental pra mim, a gente pode ter comunicação efetiva a partir dessa identidade comum, e é por isso que estamos juntos até hoje. Existe outro nível da identidade que é como a gente se define pros outros lá fora e isso não é tão importante pra mim. Qual palavra a gente usa para se auto intitular como comunidade, se é uma comunidade, ecovila, o que? Não sei, mas o que a gente busca é a mesma coisa, o Santo Daime. (Moradora da comunidade).

Dentro desse projeto de comunidade, surgiu o Daime pra gente. Aqui houve outros estímulos que integraram ao projeto, mas forte é esse sentimento de trabalho para manter a religião, que foi o que realmente fez a gente vir morar nesse lugar. (Morador da comunidade).

Citaram ainda a possibilidade de construção de diversas identidades do Sítio: como um local religioso, onde está a igreja do Santo Daime em Viçosa, frequentada por diversas pessoas da região; como um espaço de realização de cursos e inovações, principalmente através das atividades promovidas pelo ISAVIÇOSA, durante as quais o Sítio recebe visitas de estudantes, pesquisadores, crianças, etc.; e como local de moradia, residência para os moradores.

Ainda assim, admitiram que deveriam discutir mais sobre essa ideia, já que dessa forma poderiam desenvolver mais cada uma dessas identidades. Por exemplo, se fortalecessem a identidade de ser um espaço de inovações, o investimento na promoção de cursos seria maior e estariam mais dispostos e disponíveis a receber visitantes na comunidade.

A identidade pra fora não é tão importante pra mim, mas ao mesmo tempo vejo que é uma coisa que precisamos conversar mais entre nós pra definir um pouco, porque tem várias coisas que acontecem em paralelo. A gente tem uma identidade que é ser uma igreja, há pessoas que frequentam essa igreja; outro nível que é um espaço de curso, inovação, microbacia escola, e a gente já vê que se optarmos por isso ela pode trazer uma atividade pra cá que pode ser tão boa pra gente como pra quem vem, que vai expandir essas tecnologias que a gente tem. Então esse espaço de educar, por exemplo, é algo que a gente tem que definir, queremos isso mesmo? Como isso sai por ai nos meios de comunicação? (Morador da comunidade).

No fim, ainda ressaltaram que tinham uma única certeza: não gostariam de ser vistos como um modelo de nada para ninguém. O Sítio Palmital, segundo os moradores, é uma comunidade em construção, que constantemente tenta fazer algumas alterações em suas práticas para chegarem mais perto de ser o que desejam. E o que mais ele é?

Durante o grupo de discussão, entreguei uma folha de ofício com uma folha de árvore grande desenhada nela para cada um dos participantes. Pedi então que cada um fizesse um desenho que respondesse à pergunta “O que é o Sítio Palmital?” e posteriormente explicasse para o grupo o que havia desenhado. Apareceram diversas

definições interessantes, mas dentro de todas elas houve a representação do espiritual, o que ratifica a “cola” da comunidade.

Outro elemento que apareceu em todos os desenhos, sem exceção, foi a natureza. Representada de diferentes maneiras, seja pela cor ou pelo desenho de árvores, ela estava lá em cada um deles. As águas tiveram destaque especial em vários, o que é compreensível já que o grupo tem diversos projetos de recuperação da bacia do Ribeirão São Bartolomeu e de plantação de água.

Aqui eu representei a água descendo que passa pelo sítio até chegar no mar. Esse movimento nosso está representado pela Paineira<sup>8</sup> e aqui uma estrela de Davi pra demonstrar o sítio como lugar de radiação, um ponto de luz mesmo. Um pontinho de luz localizado nessa bacia irradiando algo de bom pra humanidade, pra quem quiser vir beber dessa fonte. (Morador da comunidade). (Figura 7)



Figura 7 – Desenho de morador

Eu sempre quis morar num lugar que eu pudesse estar próximo a igreja e estar vivendo essa vida assim. Tem o sol, a lua e a estrela que são símbolos da doutrina, que trazem significado e nos permite o contato com a natureza diariamente. Aqui no sítio a gente consegue proporcionar isso pra nós mesmos, como estar ligados às fases da lua e eu acho isso bem bacana. Coloquei as árvores, a água porque a gente está aqui na bacia, os animais e isso tudo representando essa vida assim, em contato com a natureza, que é uma oportunidade que a gente tem. (Morador da comunidade).

---

<sup>8</sup> Árvore mais antiga do Sítio Palmital e símbolo do ISAVIÇOSA

Apareceram também desenhos preocupados com a localização geográfica, o local físico do sítio. Isso revela uma possível necessidade dos moradores mostrarem que sua comunidade realmente existe e está aqui pertinho de nós; um desejo de reafirmarem seu lugar.

O meu eu pensei que essa folha representava o mapa de Viçosa, e o nosso sítio está localizado exatamente aqui na ponta, na divisão. É o primeiro sítio de Viçosa, primeira terra na fronteira com Coimbra. (Morador da comunidade). (Figura 8)



Figura 8 – Desenho de morador

Eu usei a forma da folha pra representar a localização geográfica. Aí tem aqui o São Bartolomeu e lá em cima a Paineira, nossa árvore símbolo do Instituto. As várias intervenções que a gente está fazendo na bacia pra aumentar o volume de água, as curvas de nível, e essa opção que a gente fez por conservar, reflorestar essa área que estava muito degradada. Desde o início a gente teve essa ideia de fazer uma área reflorestada, mais próxima do natural, então ela está aqui. Representei também várias casas, e as ruazinhas pra lá e pra cá representando essa comunidade. (Morador da comunidade). (Figura 9)



Figura 9 – Desenho de morador

Outra presença forte nos desenhos foi a das crianças. Elas apareceram quase sempre ligadas/interligadas aos pais, e como uma preocupação dos mesmos em relação à transmissão de conhecimentos. Por diversas vezes foi possível ouvir a expressão “o que estamos passando para a nova geração”, ratificando o lugar e a importância dos mais novos dentro da comunidade.

Quando eu vi a folha, a primeira coisa que eu pensei foi que as nervuras eram pessoas ligadas ao mesmo tronco, pensando que era a gente ligado a essa coisa da religião. Mas, depois que eu desenhei, eu vi as crianças. Nós e essa coisa da nova geração. E todas as crianças estão aqui como as nervuras - são exatamente 14 - e estão ligadas a nós... Ainda desenhei várias coisas soltas que representam um pouco do que cada um trás. (Moradora da comunidade).

A gente vai procurando nesse movimento trabalhar nas ações do dia a dia com essa consciência ambiental e espiritual, também na educação das crianças. Então tem esse lado da irradiação entre as gerações, já que as próximas gerações estão sendo preparadas e a gente está podendo vivenciar essa preparação da nova geração pra fazer esse novo tipo de trabalho, mais voltado para o bem. (Morador da comunidade). (Figura 10)



Figura 10 - Desenho de moradora

De forma geral, os moradores também falaram que o sítio é parte de suas experiências individuais, norteador e essencial em algumas esferas de suas vidas. O sentimento de coletividade e integração também foi reforçado diversas vezes, confirmando que o Sítio Palmital apresenta características de uma comunidade.

O que é o sítio pra mim? A princípio é minha casa porque eu me casei. Isso abriu outras portas e aí eu representei nosso aspecto espiritual, porque eu me senti confiante. Então aqui tem esse lado muito forte que é a doutrina, a mesma família espiritual. (Moradora da comunidade).

E tudo foi uma opção, ninguém está aqui porque não tinha outra escolha, as poucas pessoas que estão aqui têm isso como projeto de vida e o norte que a gente tem é a ligação espiritual. Aí desenhei tudo como se fosse um mar, e esse sítio, esse projeto, como se fosse um barquinho, onde a gente está navegando junto. O motor, a fornalha desse barquinho que dá energia pra navegar é o forno no qual a gente produz o santo daime. (Morador da comunidade).

A gente está em contato, em troca, ninguém vive aqui isolado. Estamos recebendo e trocando com o mundo lá fora. E essas iniciativas que às vezes a gente faz aqui, como os cursos, abrem essa possibilidade de troca, de levar alguma coisa lá pra fora também. (Morador da comunidade).

A partir dessas reflexões e de suas marcas identitárias, ratificamos que o Sítio Palmital pode ser entendido como uma comunidade do entorno, porque está na margem da vida moderna, sem sair dela. Também é uma comunidade intencional porque tem a intenção da religião como cola do grupo, a motivação que provocou a constituição da comunidade e o ponto de partida para mudança de estilo vida.

Mas, apesar de ter sido o que deu origem, a religião não é a única intenção do grupo. Ele continua convivendo e acaba encontrando sempre uma necessidade de se engajar em novos assuntos, por exemplo, a questão ambiental. É também objetivo dos moradores tornarem-se cada vez mais autossuficientes em relação ao sistema, o que ainda demanda muitas mudanças – as quais eles estão buscando.

Então, como esse grupo assume formações identitárias múltiplas, seria muito arriscado chamá-lo de comunidade alternativa. Isso porque existe um estereótipo na definição do alternativo e ele acaba sendo entendido, muitas vezes, como algo que está totalmente fora em relação à outra coisa. Nesse caso, a comunidade poderia ser vista como completamente alheia à cidade de Viçosa e a todo o contexto de sociedade fora dela, o que na verdade não acontece. Muito antes do alternativo, apesar da comunidade buscar formas alternativas de vida, ela está integrada com o próprio modo de vida mais amplo de seu entorno. Por exemplo, as crianças vão à escola e todos necessitam das instituições. O alternativo nesse caso acaba sendo muito mais um adjetivo às formas de vida da comunidade que uma definição da mesma.

Assim, o Sítio Palmital busca nova relação com o mundo, mas ainda está no mundo e dependendo do mundo. Isso cria novos desafios, já que é preciso encontrar formas de vida que sejam emancipadoras e que proponham integração com o ambiente pra pessoas que continuam vivendo no mundo.

Então como a comunidade resolve esses conflitos? Como buscar formas alternativas de vida dentro de suas limitações? Os moradores fazem isso a partir de duas frentes principais: estimulando a cooperação entre todos e buscando a equidade entre cada um dos moradores de lá e também com o meio ambiente que os cerca. No próximo capítulo vamos discutir como se dão esses processos na prática do dia a dia e quais questões surgem a partir deles.

## CAPÍTULO 2 - EQUIDADE E COOPERAÇÃO NO SÍTIO PALMITAL

Sem a ação para introduzir no teatro do mundo o novo começo de que cada homem é capaz em virtude de ter nascido, “não há nada novo sob o sol”; sem a fala para materializar e memorar [memorialize], ainda que hesitantemente, as “novas coisas” que aparecem e resplandecem, “não há memória”; sem a durabilidade e permanência de um artefato humano, “também das coisas por vir com os vindouros não ficará memória”. E sem o poder [o que sustenta ou assegura a existência do domínio público], o espaço da aparência suscitado pela ação e a fala em público se desvanecerá tão rapidamente como o ato vivo e a palavra viva. (ARENDDT, 2000, p. 183).

Neste capítulo buscaremos compreender as experiências de construção da equidade que acontecem cotidianamente no Sítio Palmital. Além disso, analisaremos como os moradores da comunidade trabalham juntos, em um esforço de ajuda mútua e cooperação.

Hannah Arendt (1983) mergulha em uma discussão profunda sobre os princípios primordiais da vida pública em sua obra *Vida Ativa*. Para ela, vida ativa é o que estamos fazendo cotidianamente, é o dia a dia do qual nenhum homem consegue fugir totalmente, ou seja, é a vida própria da condição humana. Isso inclui a produção de tudo o que é necessário para nos manter vivos.

Sendo assim, ela elenca três atividades humanas principais: o labor, o trabalho e a ação. A primeira delas corresponde à produção para o consumo, pra suprir as necessidades da casa. A segunda refere-se à fabricação de objetos, criação de artificiais. Por último, a ação é, em sentido geral, tomar a iniciativa, agir. É a única exercida somente entre os homens, sem objetos materiais. Segundo a autora, o conjunto representa a pluralidade humana, já que viver é estar entre pessoas. “Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato da pluralidade humana, o fato de que não Um homem, mas homens, no plural, habitam a Terra e de uma maneira ou outra vivem juntos”. (ARENDDT, 1983, p. 190).

Com a revolução industrial e o surgimento de novas formas de vida, a atividade do trabalho começa a ser mais valorizada e causa uma ascensão do social, ou seja, uma valorização dos processos de socialização. Simultaneamente, a esfera da ação perde importância. Dessa forma, diversos assuntos que antes eram privados tornam-se

preocupações públicas e o que antes afetava o público passa a ser interesse privado. Assim, a divisão entre o público e o privado não pode mais ser claramente percebida.

É dessa mudança que surge uma das principais discussões da autora: sobre o conceito de espaço público. Segundo Arendt (1983), o espaço público tem três aspectos. É um lugar constituído de aparência e visibilidade, ao mesmo tempo em que é o mundo comum, produto humano. Também é espaço de ação e socialização. Por fim, a junção de todos esses elementos gera um espaço de manifestação da liberdade, onde é possível exercer a política. Para ela, algo ser público

significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e nós mesmos – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do fato de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas (...) (ARENDR, 1983, p. 59).

A autora diz ainda que a presença de outras pessoas que também veem e ouvem o que vemos e ouvimos garante a sua realidade e a existência de nós mesmos. Sendo assim, público não é apenas o que pode ser visto e ouvido, mas sim o que é comunicável, discutível. Além disso, só se tornam públicos assuntos que são relevantes para a sociedade.

O segundo aspecto desse termo diz respeito ao próprio mundo que é comum a todos nós e mediador das relações entre os homens. Essa esfera pública nos reúne e faz com que convivamos, mas impede que colidamos uns com os outros, ou seja, nos separa de acordo com o lugar que cada um ocupa dentro dela. Vale ressaltar que esse espaço não é construído apenas para uma geração, ele deve sobreviver à morte dos homens e continuar a existir para a próxima geração. Arendt (1983) acredita que sem essa transcendência não seria possível a construção do mundo comum e da esfera pública, já que eles são constituídos pelo que permanece.

Transcende à duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro: preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência. É isso que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que estiveram antes e aqueles que virão depois de nós. (ARENDR, 1983, p. 65).

Na modernidade, a esfera pública passa a ser vista, muitas vezes, não como espaço de imortalidade, de liberdade, mas como um lugar para gerar admiração, status social. Isso passa a ser um desejo de consumo, como um objeto, e está ligado a recompensas monetárias, o que a autora considera uma das coisas mais fúteis que existem. “A admiração pública é também algo a ser usado e consumido; e o status (...) satisfaz uma necessidade como o alimento satisfaz outra: a admiração pública é consumida pela vaidade individual da mesma forma como o alimento é consumido pela fome.” (ARENDDT, 1983, p. 67).

Para finalizar, esse espaço público ainda precisa ser plural, já que se fôssemos todos idênticos, o ser humano não precisaria nem do discurso e nem da ação para ser entendido. Ao mesmo tempo, necessitamos ser iguais em alguns aspectos para que sejamos capazes de nos compreender. Por isso, Hannah Arendt usa o termo singularidade ao invés de simplesmente diferença. A filósofa chega a dizer que o mundo acabaria se fosse visto por uma só perspectiva.

Essa esfera da ação e do discurso é essencial para a vida humana. Viver sem trabalho é possível e o mesmo acontece com o viver sem labor – continua sendo uma existência humana normal. Porém, viver sem agir e discursar é impossível, já que essa seria uma vida independente das relações entre os homens. “É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano.” (ARENDDT, 1983, p. 189).

Sendo a ação correspondente ao fato do nascimento e à confirmação da condição humana, o discurso equivale à distinção, à confirmação da condição humana da pluralidade, ou seja, de ser diferente entre os iguais. Ao mesmo tempo, eles só existem em conjunto, já que só ação, sem o discurso, perderia a possibilidade de revelação e o seu sujeito. Só existe um agente do ato se ele for também autor das palavras, pois sua ação é explicada e anunciada por palavras. “Por assim dizer: em lugar de homens que agem teríamos robôs mecânicos a realizar coisas que seriam humanamente incompreensíveis.” (ARENDDT, 1983, p. 191).

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz. (...) Só no completo

silêncio e na total passividade pode alguém ocultar quem é. (ARENDDT, 1983, p. 192).

A autora ainda ressalta que essa capacidade reveladora do discurso e da ação só acontece quando o ser humano está em contato com outras pessoas. Apesar de o próprio indivíduo não saber como está sendo identificado durante sua ação e a palavra, é preciso que esteja aberto a correr o risco da revelação. Se ela não ocorrer, e o agente não for conhecido, o ato deixará de ser algo próprio e específico e passará a ser um meio para atingir um fim como outro qualquer.

A rigor, a esfera dos negócios humanos consiste na teia de relações humanas que existe onde quer que os homens vivam juntos. A revelação da identidade através do discurso e o estabelecimento de um novo início através da ação incidem sempre sobre uma teia já existente, e nela imprimem suas consequências imediatas. (ARENDDT, 1983, p. 196).

A criação de uma nova história é uma dessas consequências. Um recém-chegado a uma nova teia de relações humanas, por exemplo, afeta a vida de todos aqueles com quem ele entra em contato e acaba mudando essa própria teia. “Embora todos comecem a vida inserindo-se no mundo humano através do discurso e da ação, ninguém é autor ou criador da história de sua própria vida.” (ARENDDT, 1983, p. 197).

Segundo Theresa Calvet (2009), o espaço público permite o aparecimento da liberdade. Sem ela, a vida política não teria sentido: “a liberdade política só é possível na esfera da pluralidade humana, e se postularmos que essa esfera não é simplesmente uma extensão do dual eu-e-eu-mesmo a um Nós plural”. E, nesse sentido, a ação, “em que um Nós está sempre engajado em mudar nosso mundo comum” (ARENDDT, 1983, p.200) é o extremo oposto do pensamento, que é o diálogo realizado entre eu e mim mesmo. Ele nunca alcançará o nós, verdadeiro plural da ação, que está onde os homens vivem juntos.

A pluralidade humana “é dividida em um grande número de unidades” e é somente como um membro de uma tal unidade, ou seja, como um membro de uma comunidade, escreve Arendt, “que os homens estão prontos para a ação”. O único traço comum a todas essas formas da pluralidade humana, diz ela, “é simplesmente sua gênese, isto é, que

em algum momento no tempo e por alguma razão, um grupo de pessoas deva ter começado a se reconhecer como um “Nós” (...), e nada parece mais envolvido em escuridão e mistério do que esse “No começar” (...). (CALVET, 2009, p. 9-10)

É essa noção da centralidade da comunicação e da postura dialógica que os atores exercem no espaço público, além da importância do respeito à pluralidade e à liberdade política, que faz o pensamento da autora revelador de importantes aspectos referentes a este estudo, sobretudo no que se refere à questão da equidade e do espaço público. É através da troca comunicacional que se constrói o espaço público, conseqüentemente é através dessa mesma troca que se conquista a liberdade individual e é ela que torna possível ao sujeito fazer política e escrever novas histórias de vida. A partir do momento que Arendt sugere que a comunicação é o único meio possível para encontrar acordos que beneficiem a todos os envolvidos, ela diz que a comunicação é o âmbito no qual se constroem condições de autoridade e se garante a legitimidade das instituições.

### **Público e plural: o espaço no Sítio Palmital**

Dessa reflexão, podemos inferir que o Sítio Palmital possibilita a construção e se identifica como um “espaço público” a partir do momento em que estimula o debate de todas as coisas. A comunidade é um espaço de visibilidade, já que discute ao mesmo tempo em que gera discussões de temas relevantes, assim como é parte do mundo comum e estimula a convivência entre os moradores, visitantes e amigos. Além disso, já abriga duas gerações diferentes da mesma família que escolheram morar lá, o que significa que tem se tornado um espaço transcendente, levando em conta seu pouco tempo de existência. A esfera da ação e do discurso é talvez a mais forte da comunidade, já que os moradores e outros envolvidos tomam iniciativas e agem constantemente na melhoria do espaço e de si mesmos. Envolvem-se com diversos projetos, reformam e falam sobre suas vidas e crenças de maneira aberta e respeitosa. É ainda um lugar plural, já que abriga pessoas de diversas partes do Brasil, com pensamentos e idades diferentes. Nesse espaço de liberdade são construídas novas histórias o tempo todo: a comunidade muda de acordo com os projetos em que está envolvida, com as pessoas que a visitam - que de uma forma ou de outra deixam seus

ensinamentos e observações - e com as necessidades que surgem, possibilitando aos sujeitos envolvidos se modificarem o tempo todo.

Os moradores frequentemente discutem questões ideológicas, conversam sobre a espiritualidade, se reúnem para resolver os problemas e prezam pelas decisões feitas em consenso. O espaço da Lona Cultural talvez seja hoje a representação física mais próxima desse espaço público, já que é lá que acontece a maioria das reuniões para resolver questões do sítio e do instituto ISAVIÇOSA, assim como ocorrem eventos culturais, cursos, lanches comunitários, etc.



Figura 11 – Reunião dentro da Lona Cultural (Fonte: ISAVIÇOSA)

Em uma das visitas que eu fiz ao sítio, presenciei um acontecido curioso. Como os moradores tentam viver bem próximos uns dos outros, entre muitas casa não há muros ou divisões. Os espaços de convivência também são integrados, facilitando ao máximo a locomoção dos moradores. Porém, isso acaba favorecendo também o movimento entre os animais, que não são poucos. Uma das famílias mais novas no sítio, tem um cachorro bem grande que ainda não está muito acostumado com as “regras de convivência” do Sítio, e acabou comendo uma das galinhas do galinheiro de outra casa quando sua dona foi viajar.

Isso gerou uma série de pequenas discussões momentâneas sobre o que poderia ser feito para evitar que situações assim se repetissem no futuro. Durante todas elas, os

moradores tentavam considerar todos os envolvidos na questão e pensar o que seria mais justo a ser feito; Concluíram que não podiam pedir para prender o cachorro, já que todos os outros vivem soltos e eles também possuem o direito de ir e vir. Ademais, não pediriam para que sua dona pagasse pela galinha, pois viviam todos juntos. Por fim, acabaram tentando educar o cachorro a não fazer mais isso, conversaram com sua dona e as coisas ficaram resolvidas.

O que vale destacar aqui é o grande sentimento de integração e de justiça que existe entre os moradores. Mesmo entre eles, tentam tomar decisões que não pesem para nenhum lado envolvido e todos possuem o mesmo direito de acessar os espaços comuns – inclusive os animais. É dessa maneira, tentando criar um ambiente que atenda às necessidades de todos, que a comunidade vai construindo a equidade entre seus membros.

### **Equidade como pluralidade: as relações no Sítio Palmital**

Ao contrário da igualdade, que visa um tratamento igualitário aos indivíduos, mesmo que esses se encontrem em condições diferentes, o conceito de equidade tem a ver com permitir acesso igual aos diferentes a qualquer tipo de direito. Seu objetivo principal é a justiça na distribuição de recursos, o que significa dar mais a quem tem menos, e menos a quem tem mais.

Segundo Davey e Devas (1996), citados em José Júnior Lima (2004), há um consenso dentro do pensamento político e crítico que afirma que a promoção da equidade social deveria ser prioridade para os governos, já que essa seria a forma ideal de garantir acesso justo para superação das necessidades sociais básicas, como o acesso ao emprego e uma condição de vida digna, independente de renda.

No Brasil, a Constituição de 1988 foi um marco importante para a reafirmação dos direitos humanos, e, conseqüentemente, para diminuir a desigualdade social. Foi a partir da redemocratização do país que os objetivos sociais passaram a fazer parte do planejamento urbano e começaram a surgir políticas públicas diversas para promover a equidade. Segundo a Constituição, a função social da cidade é garantir a justiça através de direitos urbanos (acesso a habitação, transporte, educação, saúde, etc.) e a distribuição justa de benefícios através de provisão de infraestrutura.

De acordo com José Junior Lima, o Brasil tem um dos maiores desequilíbrios sociais do mundo e isso pode ser visto na diferença existente entre os níveis de pobreza e riqueza. Sendo assim, qualquer tentativa de tratar de justiça social é fácil, mas ao mesmo tempo problemática. “É fácil porque há evidências de privilégios dados para certos grupos sociais e em variadas formas, e é problemático pelas mesmas razões. Muitos aspectos de sociedade estão envolvidos nesta questão.” (LIMA, 2004, p.5).

Equidade social na distribuição de oportunidades pressupõe eliminação de qualquer tipo de prioridade pré-existente em qualquer ação governamental que poderia estar associada à distribuição desigual de produtos e bem estar. Consequentemente, consideramos que equidade social é um pré-requisito para a função social própria da cidade.(LIMA, 2004, p.5).

No Sítio Palmital, esse conceito de equidade vai ainda um pouco mais longe. Os moradores acreditam que a natureza também está incluída nessa necessidade de acesso a seus direitos, ou seja, assim como os moradores da comunidade, a fauna, a flora, e o meio ambiente de forma geral também devem ser respeitados e cultivados. A equidade nessa comunidade é buscada em cada uma das experiências dos moradores através do respeito à pluralidade dos seres vivos e da tentativa de construir um espaço público onde todos sejam livres para agir politicamente.

Porém, a equidade na comunidade é colocada em prova primeiramente ao pensarmos na pouca diversidade que existe entre os moradores, já que são todos héteros, brancos e vivem de forma tradicional e, depois, quando deixamos de focar nos adultos e analisamos também os moradores mais novos. Em que medida as crianças e os adolescentes são ouvidos, respeitados e participam do dia a dia da comunidade? É isso que vamos discutir no próximo capítulo, além de buscar perceber como a diferença de idade muda a percepção sobre o que é o Sítio Palmital, quais seus pontos positivos e negativos.

### **Equidade de pai pra filho: as questões geracionais**

Karl Mannheim (1952), citado em Ferrigno (2009) define geração como um conjunto de indivíduos de uma mesma locação, em determinado contexto social e que fazem parte de um mesmo processo histórico. O conceito não deve ser confundido com

o de grupos concretos (família, tribo), pois não possui estrutura organizacional visível. Também não pode ser considerado como uma simples divisão de faixa etária, já que pertencer a uma certa geração significa ter determinados tipos de pensamento e comportamento. Seus membros pensam e agem de forma parecida pois ocupam um mesmo lugar na estrutura global.

Três gerações vivem no Sítio Palmital hoje. Bebês de três meses até adultos de 68 anos convivem em comunidade todos os dias e, embora todos se deem muito bem, vez ou outra acaba surgindo algumas divergências de interesses entre os moradores.

Durante um agradável piquenique, cheio de frutas, biscoitos e bolos, as crianças de até 12 anos revelaram gostar muito do ambiente onde vivem. A possibilidade do contato com a natureza e os pequenos prazeres que ela proporciona foram citados várias vezes como o “mais legal de morar no sítio Palmital”. Correr, andar de bicicleta, amassar argila, brincar de polícia e ladrão à noite e mexer com os animais foram as brincadeiras mais populares nas falas deles.



Figura 12 – Crianças brincando (Fonte: arquivo pessoal de moradora)

Porém, um menino de 13 anos que também participava do lanche, já apresentou uma visão um pouco diferente da dos amigos, ainda que tenha destacado características semelhantes do local. “Geralmente não faço muita coisa, porque eu vou para a escola de manhã e à tarde fico estudando. Mas é legal que é um lugar bem aberto e dá pra ter uma variedade de brincadeiras. A única coisa que eu faço dia de semana é jogar bola”. (Criança moradora da comunidade, 2016). Na frase é possível observar o surgimento e novas preocupações e compromissos já nessa faixa etária.

Já a parte mais chata do Sítio foi unanimemente citada: a falta de Internet. Lá existe o acesso à Internet, mas é muito limitado, já que o pacote oferece poucos megas. Dessa forma, ela acaba sendo utilizada para checar e-mails, fazer trabalhos e as crianças não podem usar livremente para jogar ou assistir vídeos. Outro incômodo apontado por elas foi a necessidade de pegar caronas quando querem fazer algo no centro, devido a distância até lá. Assim, as crianças acabam ficando dependentes de alguém para levá-las no horário em que houver disponibilidade.

O terceiro problema apontado pelos meninos e meninas presentes foi a cerca. Este é um assunto delicado para todos os moradores, pois remete a um episódio de invasão do Sítio por ladrões. Algumas crianças, pais e mães chegaram a ser mantidos como reféns por um tempo, então falar disso até hoje é difícil. Como consequência, os adultos se reuniram e decidiram cercar algumas partes para garantir maior segurança para todos. Só que chegar a essa solução não foi fácil, já que as cercas dificultam a locomoção de crianças e animais que acabam tendo que dar voltas muito maiores para ter acesso a determinados lugares e casas da comunidade. Esse caso é mais um que demonstra a busca dos moradores pela equidade: a opinião das crianças e adolescentes foi ouvida e considerada durante o processo de tomada de decisão, mas, no fim, tiveram que optar pelo que fosse mais seguro.

A cerca é chata porque tem que ficar dando a volta. Todo mundo acha a cerca chata. Agora que construíram a gente tem que passar na casa de todo mundo pra chegar à casa de um coleguinha. Antes a gente subia o barranco, passava pela trilha e chegava, mas essa trilha foi usada por três ladrões, aí teve que fazer a cerca pra impedir que eles voltassem (Criança moradora do Sítio, 2016).

Quando perguntadas se gostariam de morar em algum bairro da cidade, a maioria das respostas foram não, eles disseram preferir o Sítio. “A gente se sente mais

independente aqui porque a cidade é mais perigosa. Aqui a gente vai à casa dos nossos amigos sem se preocupar com carros, a gente pode brincar mais sozinho, é mais legal.“. (Criança moradora do Sítio, 2016). Mas, o menino de 13 anos revelou que às vezes tem vontade de mudar para a cidade sim.

Tem hora que me dá vontade de morar com minha avó na cidade, porque a cada cinco vezes que meus colegas saem, eu só saio uma vez e isso é meio chato. Mas aqui também é legal de morar e eu tenho várias oportunidades diferentes. Acho que se eu mudasse para um apartamento ia sentir muita falta do sítio, seria uma mudança muito radical.(Criança moradora do Sítio, 2016).

Apesar disso, as crianças demonstraram certo tipo de preconceito com as meninas e os meninos da cidade. Contaram que quando os coleguinhas vão visitar o Sítio eles gostam e brincam muito, mas que eles se machucam demais e não gostam de andar descalço. “As pessoas que vieram da cidade falam que é legal, mas machucam muito. Eles são todos frescos, encostam no chão e machucam. Às vezes não estão acostumados a andar no barro, descalço, aí machucam. A gente aqui gosta de fazer isso tudo”(Criança moradora da comunidade, 2016). Isso revela que as crianças enxergam uma diferenciação entre os hábitos das pessoas que moram na cidade e pessoas que vivem na zona rural.

Ademais, todas elas devem participar das tarefas domésticas e dos espaços de convivência da comunidade. Desde cedo aprendem a respeitar o ambiente, os animais e a zelar pelo bem coletivo. Inclusive, as crianças conhecem as trilhas e lugares do Sítio melhor que muitos adultos e me guiaram durante vários passeios. Por serem criadas em contato com a terra, elas se sentem também parte desse ambiente e ficam muito à vontade. É assim também a relação delas com os moradores mais velhos: entram em todas as casas, chamam todos de tios, almoçam cada dia em um lugar. A impressão que as crianças me passaram é que a comunidade vive como se todos fossem uma grande família.

Outra coisa que vale ser destacada, é que elas são estimuladas a participar dos projetos e cursos que acontecem lá desde muito novas. Uma menina de três anos contou

que se lembra do último curso Gaia<sup>9</sup> oferecido e que adorava desenhar durante as aulas. Outro menino disse que gosta de ver os filmes passados durante essas atividades.

De forma geral, as crianças que estão sendo criadas na comunidade parecem gostar dessa forma de vida. Elas ainda não enxergam muitas dificuldades e gostam da sensação de liberdade que sentem constantemente. Quanto mais vão crescendo, mais entendem a ideologia dos seus pais e se envolvem no novo estilo de viver. “Uma coisa muito legal aqui do sítio é ter a oportunidade de produzir os alimentos que a gente consome no almoço sem agrotóxicos. E também ter a oportunidade de colher, aprender. Eu de vez em quando ajudo meu padrasto a colher alguma coisa.” (Criança moradora da comunidade, 2016).

Para finalizar, os pequenos definiram, com apenas uma palavra, o que é morar no Sítio Palmital: “Muito bom. É ser livre. Cabuloso. Muito bom. Divertido. Legal. Ir pra casa dos coleguinhas. Lindo.” (Crianças moradoras da comunidade, 2016).

Quando conversei com os adolescentes, percebi que a visão deles já era bem diferente. Ambos foram morar na comunidade quando já tinham mais de 14 anos, então puderam experimentar a vida na cidade grande e sentiram certo estranhamento quando se mudaram para o Sítio. Assim como as crianças, os dois entrevistados destacaram que morar na zona rural tem seus pontos positivos, e entre eles estão a possibilidade de relaxar, de estar em contato com a natureza e de fugir do estresse da cidade.

Aqui é bem tranquilo por ser afastado da cidade, então dá pra ficar tranquilo e relaxado. Tem a piscina, campo de futebol, as crianças, então essa parte é legal. (...) Geralmente aos sábados à tarde e domingo também eu gosto de dar um pulo na piscina e depois ficar lá escutando a natureza, observando. Meus amigos quando vem pra cá gostam muito, falam que é muito diferente do barulho da cidade. (Morador da comunidade, 2016).

Porém, falaram de muitos pontos negativos também. Entre eles se destacaram a dificuldade na comunicação - já que lá não pega sinal de celular nem tem internet ilimitada -, a falta de privacidade e o problema da locomoção, pois os horários de

---

<sup>9</sup> Educação Gaia Viçosa é um programa que visa, através da educação ativa e transdisciplinar, inspirar e capacitar agentes de mudança para o planejamento e construção colaborativa de processos de transição para a sustentabilidade e justiça social. Seu objetivo é potencializar ações e iniciativas para a sustentabilidade na região, articulando e promovendo trocas entre as experiências e estratégias de ecovilas e experiências populares de agroecologia e movimentos sociais, através da formação de uma comunidade de aprendizagem e práticas

ônibus são escassos e acaba limitando a possibilidade deles irem e voltarem do centro da cidade. Os dois garotos disseram que, sem dúvida, morariam na cidade se pudessem escolher.

Morar aqui é bom, mas é difícil. Tem muita criança, não tenho privacidade, é muito longe e não tem como deslocar, depende de carona ou de ônibus. Mas por outro lado é bom porque é roça, da pra ver o céu, as estrelas, a natureza. Mas é muita criança, normalmente eu acordo já tem um monte de criança dentro de casa, vou trocar de roupa eles entram no quarto pra pegar alguma coisa. (Morador da comunidade, 2016).

Se eu pudesse escolher eu iria morar no centro com certeza, inclusive quero isso ainda e estou lutando para isso acontecer. Atualmente não viveria num lugar assim porque aqui é difícil demais, não tem internet, não tem telefone, a parte de comunicação é ruim demais. Agora, por exemplo, eu tenho aula às 06h30min da manhã e não tem como eu ir porque o primeiro ônibus é às 7h. Não tem como eu chegar antes, a menos que alguém me leve e pra me levar também tem que acordar 05h30min da manhã, é difícil. Semestre passado eu dormi três vezes na rodoviária esperando o ônibus de manhã pra voltar pra casa. Se não tiver onde dormir na cidade tem que se virar. (Morador da comunidade, 2016).

Aqui a internet é limitada e isso é o que eu mais sinto falta. Depois que a gente consome o limite todo, a gente fica uns cinco dias sem poder usar a internet e isso é muito ruim. E ainda existe a dificuldade de sair com os amigos por causa da distância. Tem que depender de ônibus e de lugar pra dormir. (Morador da comunidade, 2016).

Outra questão que é consenso entre os dois é que a comunidade ainda precisa evoluir muito para ser um grupo realmente unido e forte. Os adolescentes têm uma visão crítica muito bem construída sobre o projeto de vida alternativa em que estão inseridos e apontam o que deve ser melhorado.

Essa ideia da comunidade é até legal, com todo mundo vivendo junto as coisas ficam mais fáceis. A gente também tinha um projeto de sábado ou domingo fazer um almoço coletivo. Ainda temos essa ideia e isso é legal, se não acaba ficando cada um nas suas casas, sem conversar e interagir.

Até o momento está meio falha essa ideia de morar em comunidade. Na verdade, eu enxergo quase como um condomínio só de amigos. Aqui têm coisas legais, igual esses mutirões que juntam o pessoal,

mas mesmo assim não é uma coisa todo mundo junto, tem alguns que sempre vão e outros não. Tem essa coisa de ser da família também né, a gente convive a mais de 20 anos, ai acaba todo mundo virando da família. (Morador da comunidade, 2016).

Apesar de concordarem em diversos aspectos, existe uma diferença grande entre os adolescentes. Um deles se envolve com os projetos da comunidade, vai a mutirões e cursos do ISAVIÇOSA, frequenta a igreja e acredita na doutrina do Santo Daime. Já o outro não se sente interessado em participar dos projetos e eventos do Sítio, assim como não frequenta a igreja.

Ainda assim, o jovem diz que é respeitado em sua escolha e não sofre pressão dos moradores da comunidade para começar a frequentar a igreja. Só a própria família tenta envolvê-lo mais e despertar seu interesse para as questões defendidas pela comunidade, mas nunca o forçando a nada.

Por último, emerge ainda uma questão interessante. Os dois rapazes disseram que não se envolvem na tomada de decisão, já que não vão às reuniões que os adultos fazem para discutir problemas do Sítio. De certa forma, ambos estão excluídos das discussões políticas da comunidade e isso acontece tanto por falta de iniciativa dos adultos em convidá-los para reuniões e consulta-los diante de algumas situações, quanto por falta de interesse deles mesmos. “Eu nunca quis dar opinião em nada, mas imagino que se um dia eu quiser dar eles vão ao menos escutar. Nunca passou pela minha cabeça chegar lá e falar vamos fazer assim e assim, mas creio que existiria uma abertura se quisesse.” (Morador da comunidade, 2016).

Vale destacar ainda que, de forma geral, os adultos preocupam-se sempre em deixar ensinamentos relacionados à religião e ao meio ambiente para os mais novos. Eles acreditam que o exemplo que estão dando ao adotar esse novo estilo de vida será um influenciador das decisões que a próxima geração fará daqui a alguns anos, bem como ajudará a formar a personalidade de cada um. Durante o grupo focal realizado com os adultos, muitas vezes eles citaram essa necessidade de preparar as novas gerações.

Então tem esse lado da irradiação entre as gerações, já que as próximas gerações estão sendo preparadas e a gente está podendo vivenciar essa preparação da nova geração pra fazer um novo tipo de trabalho, mais voltado para o bem. É algo dentro a nossa religião, que é nossa referência principal. (Morador da comunidade, 2016).

Durante as dinâmicas do grupo focal, as crianças que estavam por lá ficaram desenhando também. E isso acabou revelando como, mesmo inconscientemente, eles são influenciados pelos pais. Podemos perceber isso por meio da coincidência desses desenhos, sendo o primeiro de um adulto e o segundo de uma criança. Porém, as palavras escritas por ambos diferem de acordo com suas prioridades e interesses.



Figura13 – Desenhos do grupo focal

Nesse encontro com os pais e mães das famílias, fiz ainda uma dinâmica para análise de interesses em comuns entre os moradores. Nomeada “Perdido em uma ilha”, a atividade era pedir que os moradores escrevessem em uma ficha cinco objetos que eles levariam para sobreviver 15 dias isolados em uma ilha no meio do oceano. O primeiro objeto deveria ser uma escolha livre. Após escreverem esse, dei mais informações sobre a ilha e pedi que o segundo objeto fosse algo de suas mães. O terceiro deveria ser um objeto de trabalho presente no seu dia a dia. O penúltimo seria algo ligado à alimentação e, por último, um objeto que poderia ser entregue para outro participante levar para a ilha.



Figura 14 – Grupo focal (Fonte: moradora)

Feito isso, pedi que todos lessem o que haviam escrito e logo após coleei as fichas numa caixa à frente dos companheiros. Muitos elementos apareceram diversas vezes, mas o Daime foi o mais comum. Segundo os moradores, a bebida é um alimento para o corpo e a alma e por isso é tão importante levá-lo. Outros elementos como barraca, isqueiro também foram recorrentes. No fim, pedi que todos juntos escolhessem apenas cinco objetos que levariam se fossem juntos para a ilha. Após algum diálogo, eles definiram que seria o Daime, um isqueiro, um facão, uma panela e um machado e todos concordaram com o resultado. Diante disso, indaguei se o exemplo da dinâmica refletia a forma com que tomavam as decisões no dia a dia e os moradores disseram que sim.

A gente tem um acordo aqui, na verdade, de buscar que as decisões mais estruturantes, as que afetam as relações de forma mais básica, sejam resolvidas por um consenso. Tentamos achar uma proposta que todos acham que é a melhor. Mas existem situações no dia a dia em que as decisões são tomadas por quem está lá na hora, e ainda assim há um mecanismo de checar se essas decisões estão justas. O processo de tomada de decisão busca levar em conta a diversidade de moradores daqui. (Moradora da comunidade, 2016).

A próxima reflexão que propus nesse momento, foi se esses mesmos objetos seriam a escolha de seus filhos. Com unanimidade, eles disseram que sim. “Acho que atende, porque é questão de sobrevivência né? Um anzol ia fazer mais sucesso que um Ipad.” (Moradora da comunidade, 2016). Porém, não tenho certeza disso. Após minha conversa com os adolescentes, fica claro que o Daime, por exemplo, o primeiro item escolhido, não satisfaria um deles, que prefere não seguir a doutrina e não participa

dos rituais religiosos, conseqüentemente. Existe sim uma diferença de interesses, mas que não chega a ser um conflito entre as diferentes gerações. Elas ainda conseguem, através do esforço e do respeito mútuo, conviverem bem. Os familiares tentam ao máximo atender as necessidades dos mais novos de uma maneira ou de outra.

Como a maioria das crianças é muito pequena ainda, não vejo uma divergência de interesses mais manifesto. Única coisa que eu vejo é tipo hoje, meu filho quer ir pra casa do amigo. Aí todo final de semana que podemos ficar aqui descansando, temos que acabar indo à cidade levá-lo. Aí a gente acaba negociando e nós o levamos lá ou ele aceita ficar. (Moradora da comunidade, 2016).

Não existem conflitos só porque a gente mora aqui no sítio, há conflitos normais da educação de crianças e adolescentes. Mas acho que em relação à proposta do estilo de vida e tal eles curtem pra caramba. No interesse comum da coisa acho que acabamos caminhando bem junto. (Moradora da comunidade, 2016).

Essas negociações para atender às necessidades de todos são parte de um acordo muito mais amplo existente dentro da comunidade: o de cooperação. Os membros, ao decidirem fazer parte do Sítio Palmital, aceitam esse acordo pré-estabelecido e devem trabalhar juntos para melhorar tanto a comunidade, como eles mesmos como indivíduos. O próximo tópico tenta explicar melhor como se dão as experiências de cooperação na comunidade.

### **A prática da cooperação**

Richard Sennett (2012) defende em sua obra “Juntos” que é preciso compreender e ser receptivo ao outro para que se possa agir em conjunto. É necessário saber escutar, conversar e aplicar isso nas situações do cotidiano para que um atenda às necessidades do outro e se melhorem mutuamente. “Em poucas palavras, a cooperação pode ser definida como uma troca em que os participantes obtêm benefícios do encontro.” (SENNETT, 2012, p.18). “Mas se trata de um processo espinhoso, cheio de dificuldades e ambigüidades, e às vezes tem conseqüências destrutivas” (SENNETT, 2012, p.10).

O livro é o segundo de uma trilogia denominada “Projeto *Homo faber*” e tem como objetivo relacionar esforço pessoal, vínculos sociais e competências/habilidades. A capa

de “Juntos” traz uma foto de seis homens construindo uma escada, cada um desenvolvendo uma habilidade diferente, mas chegando unidos ao objeto final. Neste livro, Sennett trata a cooperação como uma habilidade necessária à vida humana.

Segundo o autor, uma sociedade complexa como a nossa, constituída por povos de diversas raças, etnias e religiões, que produz experiências diferentes na vida sexual e familiar, não deve ser forçada a viver em um único molde cultural, pois isso seria politicamente repressivo. Porém, é preciso que cada cultura aprenda a conviver e a respeitar outras dentro da cidade, espaço propício para que relações interculturais aconteçam.

Sennett (2012) defende ainda que a habilidade de cooperar está nos genes de todos os animais sociais que cooperam para realizar o que não conseguem sozinhos. Isso pode ser visto “nos chimpanzés que se acariciam mutuamente, nas crianças que constroem um castelo de areia ou em homens e mulheres que colocam sacos de areia para se proteger de uma inundação iminente.” (SENNETT, 2012, p.18).

A cooperação se transforma em um valor nos rituais e acontece formal ou informalmente. Por exemplo, duas pessoas sentadas em um bar bebendo e mantendo uma conversa agradável, nem se dão conta de estar cooperando. Isso faz parte da experiência de prazer mútuo. A convivência é a disfunção da cooperação e acontece quando pessoas se ajudam mutuamente para fazer algo ruim.

Para haver cooperação, é preciso existir solidariedade entre os indivíduos. E como surge a solidariedade na sociedade: de cima para baixo ou de baixo para cima? Segundo Sennett (2012), no primeiro caso, é preciso preservar coalisões, o que gera problemas na prática da cooperação e torna as ações solidárias frágeis, pois muitas vezes não há coesão entre as pessoas. Por outro lado, a solidariedade criada de baixo para cima tem como objetivo a coesão entre os diferentes que discordam. A experiência é basicamente estar aberto às pessoas que pensam diferente. É uma solidariedade de pouca força política e experimentada pelos comunitários e organizadores de oficinas. Estes precisaram desenvolver a solidariedade na divisão do trabalho, incitando a integração de pessoas com tarefas diversas. Já os comunitários experimentam-na devido a conflitos étnicos e raciais.

Além da solidariedade, outros conceitos relacionados à cooperação são a competição e o ritual. A competição é tida como inerente a natureza humana, porém é

um impulso destrutivo, algo negativo. Então é necessário achar um equilíbrio entre a cooperação e o cotidiano dos indivíduos. Isso pode ser alcançado através de trocas dialógicas entre pessoas diferentes, não melhores ou piores. Já os rituais são o que ajudam a encontrar esse equilíbrio, pois estabelecem vínculos sociais. Por esse motivo, devem ser acessíveis para participação de todos.

A sociedade moderna colabora com a debilitação da cooperação de diferentes formas. Uma delas é por meio do aumento da desigualdade, presente tanto em países em desenvolvimento como em países desenvolvidos. O coeficiente Gini, que mede níveis de desigualdade dos países, disparou nos últimos anos.

Na experiência cotidiana, as desigualdades econômicas se traduzem como distância social; elite se distancia das massas, as expectativas e lutas de um caminhoneiro e um banqueiro têm muito pouco em comum. Esse tipo de diferença exaspera as pessoas comuns; a consequência racional disso é a atitude mental e a conduta concreta próprias do nós-contra-eles. (SENNETT, 2012, p.21).

O modelo nós-contra-eles citado, seria uma forma de viver em conflito, e não em cooperação. Um se rebelando contra o outro e competindo sempre, sem se unirem e sem se ajudarem mutuamente. Outro fator que estimula esse modelo em detrimento da cooperação é a transformação no trabalho. Na teoria, todas as organizações e instituições modernas são a favor da cooperação, mas na verdade a própria estrutura impede que ela aconteça. Há uma divisão em departamentos, áreas, unidades e salas, o que acaba favorecendo um afastamento entre os indivíduos. Além disso, os empregos tendem a ser cada vez mais de curto prazo, o que força diversas mudanças de ambientes e companheiros de trabalho, fazendo com que não sejam criados laços permanentes entre as pessoas.

A superficialidade das relações sociais é uma consequência da temporalidade do emprego; quando as pessoas não permanecem muito tempo em uma instituição, tanto seu conhecimento como seu compromisso com a organização se debilitam. A combinação de relações superficiais e vínculos institucionais breves reforça o *efecto de silo*: os indivíduos se cercam a si mesmo, não se envolvem em problemas alheios a sua ocupação imediata, e menos ainda com quem faz coisas diferentes na mesma instituição. (SENNETT, 2012, p.22).

Além da desigualdade e da configuração do trabalho, as forças culturais também são fatores desestimuladores da cooperação. Os indivíduos querem evitar o máximo

possível viver desconfortos e ansiedades – e lidar com as diferenças causa ambos. A homogeneização dos gostos também faz parte desse processo de esconder diferenças e buscar a neutralidade. As novas tecnologias de informação têm sido igualmente impulsionadoras dessa debilitação da cooperação, já que as crianças consomem cada vez mais relações online atualmente e isso as leva a ter menos interação social na vida off-line.

O desejo de neutralizar a diferença, de domesticá-la surge (...) de uma ansiedade relativa à diferença, que se entremeia com a cultura econômica do consumidor global. Uma consequência disso é o enfraquecimento do impulso a cooperar com os que seguem sendo irredutivelmente Outro. (SENNETT, 2012, p.22).

Porém, essa perda da capacidade de cooperar pode ser reparada. A prática comum de habilidades em trabalhos físicos é capaz de fortalecer os vínculos sociais. Mas isso não é uma garantia, já que as pessoas capazes de fazer um bom trabalho, nem sempre conseguem cooperar. Nesse sentido, “mesmo em experiências sociais que pressupõem um trabalho comum, podemos inferir que nem todas as pessoas envolvidas estarão efetivamente envolvidas”. (MARTINS, 2014, p.114).

A cooperação é um comportamento social que necessita de conserto. Este deve possibilitar que o processo de transformação da cooperação seja ainda perceptível - o passado, deficiências e dificuldades devem continuar em evidência. Sennett (2012) diz ainda que apesar de não conseguirmos compreender completamente o que se passa na cabeça e no coração das outras pessoas, não podemos deixar de nos relacionar quando formos fazer algo em conjunto. É verdade que a cooperação sofreu distorções ao longo do tempo, principalmente na sociedade moderna, mas ainda assim esta capacidade não deve ser eliminada, pois é parte da natureza humana.

É essa a intenção que têm os moradores do Sítio Palmital: consertar e incentivar a cooperação. A prática está presente no dia a dia dos moradores, faz-se visível em praticamente todas as atividades coletivas da comunidade. No próximo tópico, detalharei melhor como enxerguei ações cooperativas no tempo em que passei inserida na realidade do Sítio.

**“Não é um projeto comunitário qualquer, é um projeto de fazer diferente do que o sistema hegemônico faz”: a cooperação entre os moradores do Sítio Palmital.**

A primeira visita que fiz ao Sítio Palmital foi em um dia de mutirão. Quase todas as outras vezes que fui lá, também eram dias de mutirão. A realização de tarefas em conjunto é uma realidade na comunidade, que se mobiliza com frequência para garantir que tudo esteja funcionando bem. Reforma em espaços de convivência comum é o motivo mais frequente de mutirões e deles participam amigos da comunidade também, não só os moradores. Porém, em todos os mutirões presenciados por mim, o envolvimento nas atividades não foi da totalidade dos moradores. Alguns deles são mais participativos e envolvidos, estando presentes e trabalhando bastante na maioria das atividades, enquanto outros quase não se envolvem - algumas vezes por falta de disponibilidade e outras por falta de interesse mesmo.

Outra prática cooperativa do grupo é o sistema de caronas. Sempre que algum deles precisa ir ao centro da cidade fora dos horários de ônibus, pergunta para os outros se alguém irá de carro. Os moradores também tentam conciliar horários para levar e buscar diversas pessoas de uma vez. Vale ressaltar que lá existe um sistema de comunicação peculiar entre as casas: eles utilizam um radinho e cada residência tem uma frequência diferente. Isso facilita a conversa entre eles, já que o sinal de celular quase não pega no Sítio, e ainda acontece sem custo algum.

A horta coletiva é um exemplo claro de trabalho em conjunto realizado pelos moradores. Novamente, não são todos que trabalham plantando, cuidando e colhendo alimentos, mas buscam fazê-lo quando possível de acordo com seus conhecimentos. As frutas, verduras e legumes oriundos da horta são divididos entre eles e, caso haja excedente, é doado a amigos ou vendido em feiras da cidade.

No passado, as famílias costumavam se reunir aos domingos para fazer um almoço coletivo na casa principal, mas atualmente isso não tem acontecido devido a algumas dificuldades. Porém, eles têm planos de voltar a promover esses encontros no futuro, já que estes geravam momentos de muita diversão para todos. Hoje, o que ainda acontece é, às vezes, algumas famílias se juntarem e prepararem um almoço, ou alguma criança almoçar fora de casa, já que estava em outro lugar brincando com algum morador. De qualquer maneira, são atividades esporádicas e não organizadas como cotidiano da comunidade. Durante as reuniões ou cursos, o lanche coletivo – chamado de mesa da

partilha - é uma prática comum: cada um compra ou faz alguma comida e leva para, ao final ou no intervalo do encontro, ser partilhada com os outros participantes.

As crianças e os adolescentes também são parte dessa rede de cooperação. Um dos jovens prepara o almoço quase todos os finais de semana (e cozinha muito bem!) para ajudar a família. As crianças disseram ter tarefas diversas em casa também: arrumar cama, dar banho nos irmãos mais novos, brincar com os pequenos, buscar alimentos na horta, plantar novas coisas na horta, etc. Eles são criados seguindo a lógica do trabalho coletivo.



Figura 15 – Crianças trabalhando em mutirão (Fonte: arquivo pessoal de moradora)

Durante as reuniões, surge sempre uma situação curiosa. Os adultos sentam-se para participar das discussões e as crianças ficam neste mesmo lugar brincando em volta dos pais. Sendo assim, é preciso que eles encontrem formas de conseguir prestar atenção na reunião e ainda cuidar dos meninos e meninas que estão por perto. E isso sempre acontece com ajuda mútua. Na primeira reunião que fui convidada a participar, uma moradora me disse algo mais ou menos assim: “Sua presença vai ser bem-vinda para que possa conhecer mais sobre a comunidade e você ainda pode nos ajudar cuidando das crianças”. Cooperar é uma realidade tão comum para eles, que acaba irradiando para outras pessoas.

Neste sentido, é perceptível que o Sítio Palmital depende da cooperação entre os moradores para que continue tendo êxito como comunidade. Ainda que possamos citar vários processos cooperativos que acontecem por lá, a comunidade precisa avançar muito nesse quesito aumentando a integração entre os moradores, já que nem todos participam das atividades. Muitos atrasos também dificultam a realização de diversas práticas, o que inclusive aconteceu no dia do grupo focal que realizamos para desenvolvimento dessa pesquisa. Relembrando as palavras do próprio jovem morador da comunidade:

Até o momento está meio falha essa ideia de morar em comunidade. Na verdade, eu enxergo quase como um condomínio só de amigos. Aqui têm coisas legais, igual esses mutirões que juntam o pessoal, mas mesmo assim não é uma coisa todo mundo junto, tem alguns que sempre vão e outros não. (Morador da comunidade, 2016).

Sendo assim, vale destacar que a cooperação exige muito esforço de cada um deles. A maioria dos moradores trabalha fora de casa todos os dias da semana e quando chegam os finais de semana, suposto momento em que poderiam descansar, eles ainda devem realizar diversos trabalhos no Sítio. Dar caronas para muitas pessoas significa correr riscos de multas, perda de pontos na carteira de motorista e ainda é preciso remanejar horários algumas vezes, por exemplo. Praticamente todas as escolhas que um morador faz pensando no bem comum, na melhoria do espaço de uso público, no bem-estar do outro, implica uma consequência desfavorável a ele mesmo, seja diminuindo seu conforto, tomando seu tempo, etc. Viver em conjunto se revela uma prática cheia de pontos positivos, mas também muito desafiadora e cheia de dificuldades. É preciso um esforço constante e uma disposição a se doar como pessoa e se abrir para aceitar e conviver com as diferenças dos outros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O SÍTIO PALMITAL: “ESSAS COISAS TODAS NÃO SÃO FÁCEIS, MAS SÃO POSSÍVEIS POR MEIO DE UMA LUTA DIÁRIA”**

Bem no meio de um sistema econômico e social desigual, surgem pontinhos iluminados de esperança que anunciam a possibilidade de mudanças. O Sítio Palmital é um desses pontos. Apesar de suas controvérsias e dificuldades e de abrigar pouca diversidade, a comunidade é uma prova de que é possível viver de maneira diferente do que é culturalmente imposto como “normal”.

Mesmo após uma convivência curta e rápida, foi possível apreender diversas características da comunidade. Em primeiro lugar, gostaria de reforçar que, apesar de esse estudo não ser focado nas questões ligadas à religião dos moradores, todos eles são pessoas extremamente espiritualizadas.

As práticas cotidianas da comunidade revelam a união entre os moradores, que cooperam entre si e buscam juntos alcançar seus objetivos. Além disso, todos eles têm direitos iguais dentro do Sítio: de falar, de se expressar, de seguir ou não a religião, de participar ou não de mutirões. O que cada um deles faz ou deixa de fazer é uma escolha individual - mas que sempre influencia no coletivo.

São dessas divergências de escolhas que surgem algumas das contradições por lá. Uns participam mais ativamente das atividades, outros menos. A partir daí surgem espécies de “líderes” dentro da comunidade que estão à frente de mobilizações e têm mais informações por serem mais presentes, por exemplo. Outro grande desafio é a diferença de interesses entre as gerações. Os adultos defendem esse modo de vida e gostam de viver assim, tanto que escolheram morar no Sítio Palmital. Alguns deles, inclusive, já haviam morado em lugares com práticas parecidas. As crianças também aproveitam as vantagens de uma vida mais natural, livre e cheia de amizades. Já os adolescentes mostraram-se mais incomodados com as dificuldades da vida em comunidade e na zona rural.

Os próprios moradores enxergam algumas dessas lacunas no projeto coletivo de vida e pretendem solucioná-las em alguns anos. Vale ressaltar que o Sítio Palmital ainda é uma comunidade muito jovem, com menos de 10 anos de existência, e isso influencia em seu grau de organização. O principal desafio, citado pelos próprios moradores, é

conseguir que sejam independentes economicamente do sistema. Todos eles têm empregos na cidade – muitos são professores da UFV- e dependem deles para se sustentarem.

Exatamente por esse motivo, o projeto de comunidade do Sítio Palmital se mostra como uma realidade possível para poucas pessoas. Aparentemente, é preciso ter uma renda alta para viver lá, possuir carro para garantir a locomoção, entre outras coisas. Os moradores são todos altamente escolarizados também, o que pode gerar certo receio em outras pessoas de embarcar nesse projeto.

É extremamente importante que se compreenda que cada morador precisa se esforçar para que tudo seja como é na comunidade. Eles abdicam tempo, conforto, descanso e outras coisas para manter a comunidade organizada e para seguir com o projeto que acreditam ser correto. Vi muitos deles cansados após um mutirão pela manhã e uma semana intensa de trabalho fora do sítio se esforçarem para estar presentes no grupo focal realizado à tarde. Usufruí da boa vontade da minha co-orientadora em me levar e buscar no ponto de ônibus todas as vezes que precisei ir até lá. Esses são pequenos exemplos de esforços diários feitos por eles, mas que acredito serem capazes de transmitir a dimensão do comprometimento dos moradores com a comunidade.

Nesse sentido, o estudo realizado conseguiu atender às minhas expectativas iniciais - que não eram poucas. Eu consegui conhecer e entender uma maneira alternativa de viver, assim como percebi seus lados positivos e negativos. Tive a oportunidade de conviver e aprender que é possível fazer diferente. O Sítio Palmital, para mim, é um ponto de partida para muitas outras possibilidades, para muitas outras buscas e para a construção de um novo pensamento. Particularmente, no momento atual da minha vida, não sei se conseguiria viver em um lugar como esse. Os ideais da comunidade se identificam com tudo o que eu penso, mas não acredito que seria capaz de me esforçar tanto e abrir mão de certos confortos agora para seguir esses ideais. Mas, um dia, espero estar preparada para ter uma experiência parecida com essa.

A comunicação foi a grande responsável pela elucidação de tantas questões dentro dessa pesquisa. Acredito que esse olhar comunicacional sobre as relações entre os moradores da comunidade foi o que me permitiu observar a construção de sentidos dada por eles a cada uma das práticas cotidianas analisadas nesse trabalho. Ouvi-los e conhecê-los me fez perceber que estão em constante mudança, buscando ainda melhorar

suas fragilidades e consolidar seus valores. Além disso, pude perceber a importância dos meios de comunicação no presente momento, já que os moradores consideram como maior ponto negativo do Sítio a falta deles: a falta de sinal de celular e de internet. Inclusive, eles precisaram criar sua própria forma de comunicação através dos rádios, o que prova que nós, seres humanos, não conseguimos viver sem nos comunicar.

Pessoalmente, eu gostaria de ter passado muito mais tempo na comunidade. Penso que isso seria interessante também para esse estudo, pois proporcionaria uma observação mais extensa e mais próxima, conseqüentemente mais detalhada. Porém, devido à dificuldade de locomoção, de conciliar horários e ao pouco tempo disponível para a realização da pesquisa, isso acabou sendo impossível. Sendo assim, todo esse relato deve ser considerado como realidade em um recorte temporal específico. Essa talvez seja a principal lacuna dessa pesquisa. Porém, eu poderia citar ainda outro problema, que é o fato de eu ter um interesse e uma admiração pessoal por essas formas alternativas de levar a vida. Isso pode ter me influenciado a, por vezes, enxergar acontecimentos de maneira idealizada. Ademais, o meu pouco conhecimento a respeito do Santo Daime, motivo principal que os reúne, também pode ter dificultado que eu compreendesse, de forma geral, as lógicas construídas no Sítio Palmital.

Seria interessante que outros estudos continuassem acompanhando a comunidade, analisando suas mudanças e evoluções ao longo do tempo. A questão espiritual também é algo que renderia pesquisas interessantes, já que todos os moradores parecem ter esclarecimentos e considerações importantes a fazer sobre a vida com base na doutrina em que acreditam. Ainda, uma análise que propusesse um modo de organizar a economia da comunidade poderia ser útil para eles, já que é um dos pontos em que almejam evoluir. Os projetos ambientais e as bioconstruções também são uma linha curiosa e importante de ser explorada, assim como o ISAVIÇOSA.

Sendo assim, finalizo esse trabalho feliz em ter a oportunidade de conhecer esse lugar e essas pessoas. Meu desejo é que nós, seres humanos, sejamos cada vez menos egoístas e acomodados e surjam mais iniciativas como essas. Existe uma Ingrid muito utópica antes de conhecer a realidade do Sítio Palmital e outra Ingrid que agora entende o quanto é preciso esforço para mudar as coisas, mas que ainda assim continua com o coração cheio de esperanças. Espero que agora você, leitor, seja uma nova pessoa também – ou pelo menos tenha novas ideias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. *A condição humana*. Tradução R. Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

\_\_\_\_\_. *A Vida do Espírito: O pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 2000

BAENINGER, R. *A nova configuração urbana no brasil: desaceleração metropolitana e redistribuição da população* In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Caxambu, *Anais...*, v.1, Belo Horizonte: ABEP, 1998.

BARONET, Paulo R. *As migrações entre o campo e a cidade: quem migra e porque se migra?* In VII Congresso Português De Sociologia. 2012

BAUMAN, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CALVET DE MAGALHÃES, Theresa. *Somos do mundo e não apenas no mundo*. In: CORREIA, Adriano; NASCIMENTO, Mariângela (orgs.). *Hannah Arendt – Entre o Passado e o Futuro*. Juiz de Fora: UFJF, 2009, p. 73-88.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. *O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel* (c.1970). Tese (doutorado em história), FFLCH/USP, 2007.

DUBAR, C. (1997). *Para uma teoria sociológica da identidade*. Em *A socialização*. Porto: Porto Editor

FERRIGNO, José Carlos. *O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas a construção de uma cultura*

*intergeracional solidária*. São Paulo: Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP SP, 2009.

FRANCISCO ML (2007) *A ecoimigração: uma dinâmica migratória para espaço rural*. In: Dentinho T, Rodrigues O (eds) *Periferias e espaços rurais*. Princípio, Estoril.

FRANÇA, Vera Veiga. *Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?*. Anais do 10º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Brasília: UNB/COMPÓS, jun. 2001 (CD-ROM), p. 553-567.

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIMA, J. J. F. *O conceito de equidade social como referencial para avaliação de políticas urbanas*. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO, 2004, Recife. Anais do III Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico, 2004. v. 1.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAFRA, Rennan. *Vestígios da dengue no anúncio e no jornal: dimensões acontecimentais e formas de experiência pública na (da) cidade*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. pp 96-111

MARTINS, Marcia Eliana. *A cooperação social como prática dialógica*. *OtraEconomía*, vol. 8, n. 14, 2014.

NOGUEIRA, AicoSipriano. *Comunidades da nova era no Planalto Central - utopia, ideologia e reafirmação da ordem*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(1): 159-184, maio de 2001.

RIBEIRO, P.J.M. - *Êxodo urbano, gentrificação rural e o futuro da paisagem*. Lisboa: ISA, 2013, 130 p.

SANTOS JR., Severiano José - *Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo* - CEFET/BA; CDS-UnB: Brasília – DF, 2006.

SENNETT, Richard; *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Tradução: Clóvis Marques – Rio de Janeiro: Record, 2012.

TACUSSEL, Patrick. *Comunidade e Sociedade: a partilha intersubjetiva do sentido*. Geraes – Revista de Comunicação Social – Belo Horizonte: UFMG, nº 49, 1998. P.3-12

THOREAU, Henry David. *Walden, or, Life in the Woods*. New York: Signet, 1980 [1854].

#### **Sites:**

Facebook ISAVIÇOSA: <https://www.facebook.com/Instituto-Socioambiental-de-Vi%C3%A7osa-ISAVI%C3%87OSA-101734716608163/?fref=ts> Acessado em 22/09/2016

<http://www.santodaime.org/> Acessado em 19/10/2016

<https://nacoesunidas.org/> Acessado em 19/10/2016

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505\\_legacy\\_pt\\_ru](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505_legacy_pt_ru) Acessado em 19/10/2016